

## **Freud e Filosofia: diferenças e aproximações. Curta apresentação e indicações[1]**

*Dedicado ao meu filho Sérgio Katz*

Tentarei um texto “mais claro” e sem muitos questionamentos. Não se trata de evidenciar e sim de (nos/me) provar, afirmando melhores profundidades. Mesmo em forma de ensaio para um suposto público culto e simultaneamente laico, postulo alguns enunciados, que serão fundamentados. De modo necessariamente parcial, mas o escrito é psicanaliticamente fundamentado.

A Psicanálise deve estabelecer profundidades, sempre; ou não é Psicanálise. Sua clareza não é cartesiana, pois não é fixada com apoio num “eu” que pode se expressar diretamente, de modo claro e distinto, é fundada também no que se conhece atualmente acerca da (dita) realidade, que se modifica hodiernamente em velocidades assombrosas e obriga/acarreta outros pensamentos e fundamentações. E tal “realidade atual”, demasiado genérica, foi construída baseando-se também no pensar e fazer psicanalíticos. Argumentemos e não apenas constatemos, e isto pode e deve ser contraditado.

Seguirei alguns temas e itens e a bibliografia por vezes citada será apenas indicativa. E bem parca; que aqui é o que convém.

Freud, considerado justamente o fundador da Psicanálise, sugeriu que sua obra não (per)seguia a Filosofia e seus ensinamentos (quando escrevo Filosofia, fica entendido que me refiro à filosofia ocidental, o “amor à sabedoria”, nascida entre os gregos), mas se constitui numa psicologia profunda (*Tiefenpsychologie*), e seus questionamentos específicos. Como?

Primeiro, de modo negativo, Freud sempre postulou que a Psicanálise não é uma visão ou representação de mundo, uma *Weltanschauung*, pois não tem intenção ou constituição teóricas de se fazer em sistema nem de ter coerência total (conforme mostro adiante), nem mesmo a especificidade única de criar ou/e

recriar conceitos, o que caracterizaria a quase totalidade dos pensamentos filosóficos.

A Psicanálise tem, ao lado de um clamor para pensar os processos psíquicos que compõem os chamados humanos, uma grande característica interrogativa e, principalmente, é elaboradora de questões propositivas. Sigmund (Sigismund-Schlomo) Freud (1856-1939), seu criador, a menciona como produtora de uma das três grandes feridas narcísicas provocadas na Humanidade. Rompe metodicamente (*metá+hodós*, caminho para) com a imagem imediata ou quase imediata que se tem das coisas e busca tais coisas desde suas fundamentações psíquicas inconscientes.

Toda pulsão é psíquica e imediata, mas sua interpretação deve seguir um método, por mais diferenciado que seja e que precisa ser esclarecido e fundamentado. Contudo, nem por isto deixa de ser pulsional. Outro paradoxo de ser e do saber acerca do que chamamos de psiquismo.

De acordo com Freud, a primeira ferida narcísica teria se dado com o polonês Nicolai Copérnico (1473-1543), filósofo, cientista e administrador que retomou a teoria de Aristarco de Samos (que, por sua vez, era um pensador e observador astronômico, morando numa ilha grega da Ásia Menor quase na fronteira turca) do século III a.C. observando que a Terra não é o centro do mundo, já que ela própria girava em torno do Sol (o heliocentrismo).

O que hoje se conhece, bastante exaustivamente, mesmo que de modos bem diferentes dos de Copérnico. Sabemos rigorosamente que não só o sistema solar é parte de uma galáxia que ainda não conhecemos bem e que não gira em torno do sol, menos ainda, nem começamos a explorá-la, mas sabemos que ela, a galáxia, não tem centro. Mas comprovamos que existem bilhões de galáxias e que a Terra é um pequeno planeta numa delas, cuja importância maior é que contém uma forma viva de evolução, que deve ser bem rara (!! ) e que produziu um ser pensante e inconsciente -os homens- que parece uma exceção entre outras formas de vida. A ver e saber.

Mas é assim: os homens terráqueos não estão mais no centro do dito cosmos, pois o Cosmos é incognoscível como uma Totalidade, o chamado Cosmos não compõe uma Totalidade e, por enquanto, ele mesmo é descentrado.

De acordo com Freud, outra ferida narcísica foi provocada por Charles Darwin (1809-1882), pensador, biólogo e naturalista inglês, que mostrou que os humanos não eram seres especiais na chamada Natureza, mas animais que haviam evoluído desde os símios, depois de terem saído (ou seja, evoluído) de outras formas vivas das águas dos oceanos e mares. Animal vivente especial, mas animal. Mais um descentramento imanente, que ainda continua se fazendo e se conhecendo.

A pertinência do humano ao reino exclusivo do (chamado) espírito foi por ele posta em questão, definitivamente. Se espírito há, ele emerge ou compõe e se compõe desde a chamada natureza, ao oposto e bem diferentemente do que postularam as religiões abraâmicas e a grande e importante corrente do Idealismo filosófico do Ocidente.

Por fim, a terceira ferida narcísica teria sido provocada pelo próprio Freud, ao mostrar que o “eu” (*das Ich*, o que é próprio, *Selbstou Eigen*; ou *ich*, primeira pessoa do singular, o “eu” gramatical propriamente dito) não é o centro nem o cerne de sua própria constituição psíquica, pois os humanos não podem controlar inteiramente a sua (dita própria) vontade e jamais se conhecem inteiramente, conforme se verá adiante. Basicamente, o que chamamos de “homem” está constituído inconscientemente, pois só se compõem e se manifesta com os outros e através do Outro inconsciente.

Essa outra "revolução copernicana" afirma que a dita mente consciente não é "dona em sua própria casa", ao contrário do que postulavam as chamadas filosofias racionalistas e cartesianas. A “vontade” não é um produto consciente e nem advém apenas de algum inconsciente individual, mas de uma *Wille zur Macht*, uma vontade de potência ou de poder, que é múltipla; algo (*etwas*) que *obriga* desde inúmeras facetas, corporais e incorpóreas.

A (re)conhecida força de vontade é apenas uma ou um de seus constituintes e as expressões, os ditos precisam ser acolhidos por um saber, no caso aqui, a Psicanálise. Conclue-se que o homem é um *animal traumatizado* desde sempre, pois é o que não sabe e sabe o que não é (como aprendi, parodiando, com Jacques Lacan, grande pensador e psicanalista gozador).

Esses três pensadores, ditos não estritamente filósofos, modificarão os pensamentos filosóficos para sempre. Para sempre, quer dizer até agora. O saber freudiano é incisivamente “até agora”, marca profunda e inelutável de uma espécie de conhecimento. Daí a necessidade, o clamor por seus fundamentos.

Por isto mesmo, Freud distinguia e considerava diferenciadamente os filósofos entre si, como, por exemplo, conforme ele próprio o expressou, Arthur Schopenhauer (1788-1860), cujo conceito de 'Vontade' inconsciente equivale aos instintos (*Trieben*) da Psicanálise. Foi este mesmo pensador, ademais, que em palavras de inesquecível impacto, advertiu a humanidade quanto à importância, ainda tão subestimada pela espécie humana, da sua angústia sexual.

Essa angústia sexual faz com que os humanos sempre queiram mais e mais e ainda mais (vontade, impulso, *Trieb*, de querer ilimitado), insatisfeitos para sempre: o mundo da representação não dá nem tem como dar inteiramente conta da representação da vontade, pois esta não é unitária. Na verdade e no limite, na Psicanálise inexistem representações.

Uma vontade insaciada e insaciável, permanente e insistente, eis sobre o que Freud teorizou, uma luta infundável contra a angústia que emerge; ao cabo o afeto angustiante vence, insiste e persiste. E a luta, que é necessária, permanece heracliticamente, em seus vários regimes e distinções.

Ou o grande pensador e filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), inicialmente e parcialmente inspirado em Schopenhauer, que enunciou a importância dos conhecimentos assistemáticos e parciais devidos à existência de forças e

componentes inconscientes nos ditos humanos, a infinitude da vontade, as impurezas da Razão (diferentemente de como queria um certo Kant, para quem a Razão pura teria regras e especificidades próprias e autônomas que “se exerceriam *sobre*” a vida, por ele denominados "transcendentais") e a quem Freud afirmava não ter estudado (a Nietzsche), pois não queria ser influenciado por suas ideias (e nem reconhecê-lo como epígono: os “humanos”, ao menos os ocidentais, estamos à procura permanente de poder, pela afirmação e expansão á moda de prógonos, mesmo nos chamados modos humanos masoquistas).

Afirmando que se deve conhecer e experienciar desde a vida e seu significado instintivo e não unicamente desde A razão (que inexistente sob forma pura, pois a Razão também seria construída), Nietzsche escreveu em forma de afirmações curtas e incisivas, os aforismas, onde procurou transmitir alguns dos movimentos da vontade de poder, potência dimanada desde múltiplas emergências e não apenas desde a determinação de um nascimento fisiológico ou de uma cadeia autônoma de ideias; e como há que transformar os valores estáveis determinados pelas necessidades da Razão, e que não consideravam as pulsões vitais, os corpos lábeis e suas motivações pulsionais, que são *longe do equilíbrio* (ver na teorização de Prigogine).

Como exemplo, Nietzsche mostrou que o pensamento desde A Razão, reduzindo a vida ao chamado Espírito e sua trajetória, ignora o animal humano (no homem, que é sempre e também um animal, que tem, ou tem por enquanto, vicissitudes corporais similares às de alguns outros animais) e suas capacidades específicas e permanentes de captura.

A mão humana não seria apenas mais um órgão no homem, pois também é outro modo, evolutivo, de criar o que conhecemos como especificamente humano.

Freud afirmou a existência das pulsões de domínio ou apreensão, *Bemächtigungstrieben*, advindas desde impulsos-instintos (*Trieben*) de apoderamento e apreensão, um exercício humano com mãos, dentes, os pés, o corpo. E também e

especialmente o chamado simbólico, que se compõe do domínio de apreensões, de capturas insistentes desde pulsões e a Linguagem. Um mundo de *e isto e aquilo*, sempre em acréscimo e expansão, simultaneamente de tomada e anexação dos outros, afirmações parciais. Outro corpo, a se considerar inclusivamente com suas expansões.

Considerando tais teses, clinicamente haveria que transvalorizar todos os valores, desde a vida pulsional como o que é primordial e não apenas desde a Razão, eis o que levou Freud a criar a Metapsicologia.

O que ele chamou de *metapsicologia* (*metá*, para além de) é um conjunto de regras e princípios que organizam e delimitam o assim chamado sistema inconsciente, melhor dito, sistematizam o inconsciente como *Aufbau*, construção sistemática. Que não era nem é, por definição, exato, mas é rigoroso (no sentido elaborado pelo filósofo alemão Edmund Husserl, 1859-1938).

Atravessada e produzida por três registros -topológico, dinâmico, econômico- cada qual relativamente autônomo por referência aos outros dois, Freud experimentou articular os princípios de funcionamento do inconsciente metapsicologicamente. Daí a convergência permanente e insistente no saber psicanalítico de um e multiplicidade.

Mostrou, por exemplo, que antes de se dirigir aos objetos externos, a libido se dirige ao corpo próprio; rigorosamente, constitui o próprio do corpo, o que se conhecerá como Narcisismo. E que, por isto também, todo conhecimento seria provisório e parcial, voltado sempre para e desde as limitações do Si, do próprio, *Selbst*, que se constitui narcisicamente.

O Narcisismo, uma “nova operação psíquica”, tem sua “origem” numa emergência pulsional múltipla mas é, como os sonhos, superdeterminado. A “mesma” boca que elabora e traga, que metaboliza alimentos e bebidas, o órgão que mastiga e engole os objetos que satisfazem as pulsões de vida, é também o *locus* do prazer onde se “instala” o erotismo oral.

Pela consideração com as forças obscuras que também e necessariamente movem o humano, pois as pulsões (*Trieben*) sexuais e os instintos (*Trieben*) de vida não estão nunca inteiramente ao acesso, Freud é justamente cognominado de Iluminista Sombrio (pelo filósofo e professor Yirmiyahu Yovel, 1935-, no seu livro sobre Spinoza). Esclarecer (*aufklären*), iluminar (deixar mais claro) e simultaneamente viver e produzir as sombras permanentes do humano, para sempre inalcançáveis e simultaneamente ao alcance (paradoxo psicanalítico), são uma tarefa infundável (*unendlich*) do labor psicanalítico.

O trágico humano, lição expandida pelo Romantismo, que se aprende também nos dois filósofos antes considerados, mas que Freud desenvolveu e expandiu, de modo mais bem específico e original.

Antes de prosseguir, lembro que as chamadas (três) grandes religiões abraâmicas (desde Abraham ou Abraão, reconhecido como o primeiro monoteísta, incentivador e fundador do Judaísmo, e também do Cristianismo e do Islamismo) têm um Centro, algum deus criador primeiro e Grande Ordenador, Espírito guia, criador *único* desta nossa Terra "única", cuja Vontade e as leis dela e Dele emanados obrigariam os humanos a segui-las, a segui-Lo e serem por Ele determinadas. E que tais leis divinas teriam sistemas de cuidadores, sacerdotes (sábios e sabedores únicos de tais mensagens advindas das leis) e guardiões (guerreiros no limite, claro, e sempre) do que é ou deve ser essa Verdade única.

Isso separaria definitivamente a vida humana, que possui "alma" doada pelo único criador, das vidas animais, "sem alma". O que não impede a escravidão do homem pelo homem, claro. E distinguiria simultaneamente as religiões "populares" das religiões monoteístas universalizantes.

Também acarretou o domínio de um deus único e o fazer-se da (sua) história em um único acontecimento, a Verdade; o que levou à recusa dos humanos pelas expressões corporais (pois os corpos seriam perecíveis e degradáveis) e uma busca permanente pelo

incorporal (o chamado "espírito") derivado ou emanado de tal divindade única e unitária, que conheceria "todas as coisas" desde sua onipotência criativa da natureza e do humano e seu guia e meta. A partir disto se verifica a recusa e também o ódio radical das religiões contra o pensamento de um Spinoza.

Pois para as religiões abraâmicas, somente um saber revelado daria conta do estatuto verdadeiro do mundo e a moral religiosa (que seria sua emanção desde uma ética divina) alcançaria mais ou diversamente, num modo bem superior, registros obrigatórios do que qualquer saber fundamentado nas chamadas ciências naturais.

Fica evidente que a maior força dos humanos seria o Amor, também de origem única, divina, pois o humano seria atraído e enviado ou reenviado para o mesmo Deus que o criou (cf. Jules Guttmann, *Histoire des philosophies juives*. Trad. Gallimard, 1994), que o teria transformado ou transportado da natureza para a Humanidade. E o ódio? Invenção e marca do diabo, também ele, Lúcifer ou Shatã, por sua vez outra criação divina.

Mas a não realização da vontade divina não implica necessariamente numa produção melancólica dos sujeitos. Se assim fosse, o povo judeu seria (como ainda o afirmam muitos e famosos psicólogos e teóricos da cultura) inteiramente melancólico. De tanto apelar para um deus que não responde ao "seu" povo eleito (ou seria Auschwitz uma resposta?), sujeitos que ainda não entraram em acordo sobre o que ou quais objetos há para ganhar e possuir, tal deus produziria nesse grupo um luto eterno e permanente, perdendo sempre e para sempre um objeto que nem o grupo nem seus eleitos saberiam avaliar e identificar, perda não localizada e nem localizável.

Como não é o que acontece, isto nos ensina sobre como fabricar "objetos" substitutivos ou, o que mais me interessa indicar, produzir outras teorias sobre o que seria a melancolia.

Mas as religiões e os regimes de crença se repetem e até mesmo se reproduzem em todos os grupos sociais conhecidos. Logo, o



instrumento psicanalítico não é suficiente para dar inteiramente conta das crenças.

Queira-se ou não, um regime de crença também insiste no saber psicanalítico e ainda precisa ser mais rigorosamente teorizado.

Identificando Vontade com Querer, o querer tendo uma única origem divina, seguindo uma linguagem com temas e palavras específicas, não há nenhuma ideia, noção, categoria ou conceito de “mundos incriados” e em “criação permanente”, elaborados por cientistas e pensadores contemporâneos (como demonstrariam as teorias enunciadas em 2016 sobre a efetividade, mensurabilidade e existência das ondas gravitacionais) que jungissem razão e crença.

Bem como a maioria dos denominados cientistas “erige” um mundo imanente nas suas construções ditas científicas, mas “exige” um ou algum deus transcendente nas suas crenças e suas intimidades. Imaginam alguns que isto se dá porque o humano sabe que morre, mas sua alma imortal permanece; enquanto para Freud o humano é o que morre insistentemente, pois persiste também na sua desorganização permanente. Morreu fisiologicamente, se desorganizou, definitivamente. Terminou enquanto humano, corporalmente e incorporealmente.

Viver enquanto pensador ou especialmente pensando é muito pesado, exige bastante e permanentemente do pensador.

Por isto, e da mesma forma, quase não há campeonatos de futebol ou Olimpíadas sem agradecimentos a Deus e Jesus, que teriam facilitado os resultados dos vencedores, eles, os participantes e jogadores que reconhecem e agradecem o e ao Criador único. Que estaria lá em cima, onde ficariam os céus ou o céu, mirada e alvo dos olhares reconhecedores e agradecidos.

Excluem-se os perdedores, claro, incrédulos que merecem perder, pois não atenderam nem sabem atender adequadamente o chamado divino (mas a chamada “história” é *também* uma narrativa dos vencedores, em todos os agrupamentos sociais e

culturais dimanados ocidentalmente, e também todos os outros dos ditos humanos, parece, como ensinou o grande pensador alemão Walter Benjamin, 1892-1940; e tais sábios religiosos querem e precisam estender, expandir suas "teorizações").

Porém, vencedores são os que fazem valer suas afirmações num *continuum* onde também têm valor de verdade. Usam, usamos, argumentos que se afirmam como únicos. Buscamos sempre A Verdade, mesmo quando ela se origina de vários pontos. Os intelectuais também somos vencedores, que afirmam a potência dita única (!) do pensamento e suas "leis".

O que equivale à enunciação de que A Verdade só pode vir desde os desejos de algum Alah ou Jeová. Ou do escondido, ainda não-revelado da *Aleteia* incriada desde a *Lethé* incriada heideggerianamente, essa sim e finalmente, preço e condição da eternidade permanente do *Dasein*, que não teria corporeidade. (Em minhas considerações finais deste pequeno escrito indicativo, mostro como o corpo de Heidegger se ampliou ou estreitou -cada qual o entenda de seu modo- para caber no regime nazista alemão governante de então; afinal, o que é a Verdade para o pensador alemão? Deus é *Dasein*, e só o *Volk* e seu Espírito e lutas valem e somente a Ontologia heideggeriana define quem merece estar no *Volk*).

Mas, cai um avião e desaparecem, ao menos por um curto tempo, louvores e atribuições divinos. Quem é o ou seria apenas o único responsável pelas tragédias? Temos, próximo a nós, outra vez mais, a repetição variada, mas permanente, da antiga discussão repetida e revalorizada entre o escritor e filósofo increu Voltaire (François Marie Arouet, 1694-1778) e os religiosos católicos para "explicar" teologicamente ou divinamente o incêndio e o tsunami que quase destruíram Lisboa em 1755. E a reflexão contemporânea para se questionar sobre Auschwitz e o mal humano extremo, de origem humana ou divina (que não "sabemos" ainda e jamais o saberemos; a "origem" é uma categoria mal elaborada e, daí, pessimamente desenvolvida, claro). O que sempre permite o nascimento de imbecilidades

regressivas como o design inteligente, cujas instituições aristocráticas ficam com as poucas verbas que caberiam aos organismos que pensam ou ajudam e estimulam a pensar.

Queira-se ou não, crença religiosa não é crença científica, já sabemos.

Os chamados gregos antigos tinham sabedoria mais intensa e bem mais corajosa do que a nossa, dita racional, pois reconheceram que eventos têm também existência própria e autônoma, múltipla; e que, para serem meditados, deveriam ser acolhidos. Não são prescritos com alguma regularidade única e mais sua negativa, pois a imaginação criativa produz também o que nunca foi na dita "realidade" e se impõe querendo, sem se realizar voluntariamente. Lembremo-nos que vivemos num mundo sem Centro cósmico, e que se visibiliza invisivelmente (oxímoro bem psicanalítico) nos meios de comunicação cotidianos. Acolher é a-crescer, digo.

Mas, por enquanto, os chamados humanos não "podem" e nem sabem prescindir das não-experiências e seus prováveis dogmas. Como ensina o compositor, cantor e pensador mineiro, porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem (Salomão "Lô" Borges, 1952-). Mas viver apenas com conteúdos oníricos é meta difícil de se realizar: como tropeçamos o tempo todo, haja religiões e crenças para suprir desejos infinitos e produzir sonhos para seus seguidores. Por mais imanes que pareçam.

Do mesmo modo que não é elaborada ou não o é apenas no regime das crenças -certamente não se faz Psicanálise mesclada com as religiões abraâmicas, como na SPOB (*Sociedade de psicanálise ortodoxa do Brasil*) - Psicanálise não é Filosofia, por mais que alguns a imaginem assim. O filósofo não recua diante de seus resultados de pensamento, o pensamento filosófico tem regras que o filósofo deve seguir e perseguir, indo sempre em frente com elas, sistematicamente, sob forma de sistema. O que se pensa insistiria (para frente), independeria dos fatos e eventos, sem o que o dito pensamento falha. O pensamento deve sempre pró-gredir, incessantemente, alcançar e procurar dizer e incluir o

Outro (irrepresentável) que o fundaria, independentemente de exemplos e contra exemplos (empíricos ou racionais) de outra ordem.

Alguns filósofos (assim como muitos psicanalistas baseados especialmente nos filósofos Hegel e Heidegger) acreditam que o pensamento é apenas impessoal, independentemente do filósofo e dependeria unicamente da elaboração do sistema ao qual ele se filia e desenvolve, ao qual deveria seus todos pensamentos e do qual ele se serve. Os psicanalistas, teoricamente e clinicamente, não admitem a existência de um saber unitário e único, que seria (por definição e exclusão de outros saberes) total e teria a última palavra sobre o que é e devém.

Mas se servir é uma apropriação, sempre.

O que tem merecido considerações diferenciadas e outramente expressivas como, por exemplo, as do filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004), que fundamenta e explicita o conceito de *à venir*, “por vir”, que se constrói desde o concreto do que já é rearranjado pelos eventos e que, de algum modo (ainda e por vezes) não são; ou que se organizam de um modo que precisa ser permanentemente rearranjado. O que é pode ser diverso.

O que Derrida chamou de “desconstrução” e alguns de seus colegas franceses atuais denominam de “aporias éticas”, não é uma ideia reguladora à moda kantiana. Ou seja, para Derrida trata-se de construir pensamentos que são pensáveis, que nem sempre se realizaram efetivamente, mas que são permanentemente possibilidades e transformações atuais e virtuais, cuja “origem” é múltipla, um traço.

A Desconstrução distingue-se do futuro, do vir a ser enquanto dever ser, do devir hegeliano, pois não se inscreve *inteiramente* na ou nas perspectivas do presente e da presentificação, recebe e merece acaso e outros eventos; e arranjos e desarrajos (de todas as espécies, inclusive os intestinais) permanentes.

Porvir é sempre outro, não um Espírito à procura de suas leis definitivas, definidas e previamente já dadas.

Por exemplo, as categorias (hodiernamente prementes) de hospitalidade, amizade, emigração, hostilidade, soberania, estrangeiridade, perdão, intruso e intrusão, os refugiados atuais, os sem teto e sem moradia, o acolhimento dos estrangeiros e suas condicionalidades, a cidadania e a língua, outros corpos etc. ainda precisam ser situadas e diferenciadas eticamente, filosoficamente (quando isto é possível). E não se inscrevem ou não se inscrevem inteiramente ou apenas enquanto questões subjetivas, mas são forças singulares que se impõem como questões insistentes e prementes.

Exemplarmente, a chamada “*Judenfrage*”, “o que é ser judeu” para os alemães da década de 1930 e até mesmo para os alemães de hoje (para a língua alemã, suas “unidade e pureza”, ver Victor Klemperer, LTI -*A Linguagem do Terceiro Reich* trad. CONTRAPONTO, 2009); ou a questão do reconhecimento racista dos negros norte-americanos (bastou eleger um presidente negro para dar conta das diferenciações racistas nos Estados Unidos?) enquanto cidadãos de uma *pólis* dita única.

A Filosofia também não seria unicamente imanente, à moda de um Baruch Spinoza (1632-1677), pois tem que elaborar insistentemente as formas que a soberania filosófica exige de todos os indivíduos, que a ela se assujeitam: “Reconciliar a justiça absoluta com o direito absoluto”: como o fazem pais diante da morte precoce de um filho doente ou morto em acidente, ou do nascimento de um(a) herdeiro/a com déficit físico ou psíquico mais grave (onde se dá uma injustiça sem injustificador, mas que rompe com a série pais-filhos no seu modo temporal e esperado de sucessão; ou quebrando com a série cronológica normativa suposta no complexo de Édipo), da miséria financeira ou moral de algum próximo ou amigo, por culpa de conflitos, de guerras ou ideologias e políticas econômicas indesejadas, mas fora de controle ou exterior à vontade individual ou sistemática; ou do sentimento de injustiça de alguma ação governamental; há que

explicar o que é o sentimento de culpa sem um ato culposo, como o fez Freud e o fazem inúmeros psicanalistas e por que os governantes brasileiros não o têm; e nossa própria colocação diante das sentidas e ressentidas chamadas injustiças da vida.

Como diz o grande escritor e pensador norte-americano Phillip Roth (1933-), “a dor faz você temer por si próprio”. E haja pensares; e medos para serem expressos; e de que formas? É preciso, aos denominados humanos, testemunhar, acolher o que ainda não é fatualizado.

Tal é o modo humano de tornar fatos objetivos em acontecimentos, e o humano é sempre acontecimental. Vejam-se os eventos violentos atuais no nosso Brasil, fevereiro de 2017, em Vitória e Vila Velha no Espírito Santo e indague-se se o que Freud denominou de supereu (*Überich*) rege sempre e completamente as pulsões (ditas) humanas enquanto regra permanente da chamada constituição subjetiva e suas organizações psíquicas.

Conforme também ensinava Freud, está-se sempre diante também daquilo que conhecemos e nos é simultaneamente desconhecido, a *Unheimlichkeit*, a estrangereidade do que já nos é íntimo, e que nos exige permanentemente como *fora*. Pede uma ação permanente também de quem se põe a fundamentar um pensamento; trata-se do que é e está destinado (ao menos parcialmente destinado) a continuar *informe*, a se “constituir” num Fora.

Entendemos como *Fora* tudo o que vem sob os signos do acaso e do imprevisto, da morte permanente, do vazio, do azar, da ignorância (do que sempre e para sempre ignoramos e não saberemos), do inesgotável, da repetição etc., onde não há ou nem sempre há testemunhas para o “impacto”, os traumas, do que aconteceu (!! ) e que produziu estados longe do equilíbrio que diminuem as chances de tomar decisões. O Fora é, no caso específico da Psicanálise, loucura, incontrolável pela “vida social” e para o qual se deveriam (por que?) criar mecanismos e

instituições de controle. Eis aí a multiplicidade, que se apresenta fora e longe dos controles soberanos do Um.

Nós o conhecemos, o que denominamos de Fora, mas não nos modos da Razão predicativa ou reguladora; é-nos conhecido, mesmo desconhecidamente. Tal saber se produz acolhendo o desamparo infantil, “conhecemos”, os humanos conhecem “tudo”. Como? Tomemos um exemplar teórico.

Entre outros, foi Lévi-Strauss quem, de acordo com a Linguística ou alguma linguística, nomeou esses fenômenos de “fonema zero”, um substantivo (especialmente) que se põe no lugar de algo que ainda não tem lugar rigoroso numa expressão linguística.

“Que *trem* é este, sô”? indagaria o sertanejo mineiro ao se ver diante de uma flanela vermelha, da qual não conhecia a aparência e a cor e desconheceria suas qualidades sensíveis, o tato suave provocador e deslizante, a tonalidade chamativa e provocadora, o objeto novo e ainda não sabido.

O chamado “fonema zero” (“trem”, neste exemplo) não deixa a ignorância, o não saber ser uma soma =0; afinal o 0 (zero) é apenas o início de uma coleção e nunca é um Nada (conforme o linguista, lógico e filósofo alemão Friedrich Gottlob Frege, 1848-1925; mas o grande Kant já o havia enunciado, como um *ponto 0 -Nulpunkt* de onde emerge, nasce o *sentido*, mas que não tem uma significação prévia).

O dito fonema zero não tem referente, mas pode fazer e faz o referente surgir, na sua multiplicidade; por exemplo, a flanela vermelha já não causa surpresa aos nossos sertanejos, referenciou-se nas experiências cotidianas e comerciais e, atualmente, é visibilizada pela TV e amplamente oferecida pelo pequeno comércio interiorano.

Outros fonemas zero virão, para todos nós, pois há um excesso de significante por relação aos significados, dizem os linguistas. O referente não é uma objetividade a ser (re)conhecida, mas uma criação quase subjetiva.

O sujeito da experiência se elabora de modo mais imediato no registro pulsional, mesmo quando o pulsional do sentido não produza significações. Como dizem os jovens atuais: "tipo" isto, "tipo" aquilo que, rigorosamente nada diz, mas cuja ausência implica em ignorar não apenas os falares cotidianos mas também ser um não-pertencimento à linguagem expressiva grupal. Tipo você não pertence a "nós" que dizemos "tipo".

Seriam as três religiões abraâmicas o fonema zero mais abrangente, com seu deus único e onipotente? *Dio lo vult*, diz o personagem de Vittorio Grassmann (1922-2000), Brancalone da Nórchia, comandando o "seu" exército brancaleonino, quando uma ponte que atravessavam ruiu. "Deus o quis" e por isto ocorreu. Tal cena metafórica do filme de Mario Monicelli (1915-2000) exemplifica o pensamento mágico abraâmico. E o que nos explica seu suicídio, do grande cineasta italiano, aos 95 anos de idade, como já o fizera antes seu próprio pai? Ou ainda, o que é morrer suicidado (*sui caedere*), matar a si mesmo?

Em outra vertente, por sua vez, o psicanalista, no interior da especificidade da Psicanálise, pensa num regime onde algum outro concreto está sempre presente, fazendo questão, falando e se expressando fora e longe de um vocabulário-discurso atrelado a regras prévias; e esse outrem também merece consideração, clínica e teórica.

As diferenças que tal outrem nos dirige e aos nossos fundamentos psicanalíticos são "resistências", resistências à teoria psicanalítica ou/e às falas interpretativas do próprio psicanalista. Mas elas *fazem parte constitutiva do campo psicanalítico*, as resistências ensinam e indicam outras vias psíquicas à Psicanálise, obrigam à criação de outras e novas categorias filosóficas e principalmente diferentes conceitos e noções psicanalíticas. Modulações clínicas insuspeitadas também se tornam parte dos saberes psicanalíticos, cujo referencial teórico deve sofrer mudanças permanentemente. Os outros (analisandos e não analisandos; e hodiernamente, também os não-analisáveis) e seus discursos sempre constituem indelevelmente o saber e as práticas



psicanalíticas. Do mesmo modo que os sintomas ou ditos sintomas constituem o psiquismo normal e normativo de qualquer um.

Mesmo com todas as modificações nas relações e sistemas contemporâneos de parentesco o “eu” que se pensa adequando-se à categoria de um terceiro da teoria, deve incluir sempre a estranheza: há algo que sempre se (nos) coloca no regime do Fora, das bordas, mas que não é inteiramente estranho, pois exige inclusão, respostas para questões postas instintivamente ou pulsionalmente (“possuímos” ou somos possuídos por vontades que ultrapassam nosso querer consciente, já o afirmei; para um exame inicial merecido dos afetos múltiplos nos parentescos urbanos no Brasil, acompanhe-se a obra do pensador, teatrólogo e escritor Nelson Rodrigues, 1912-1980, especialmente desde sua peça teatral “Vestido de noiva”, onde as “alucinações” têm um caráter positivo e as relações intrafamiliares não buscam um ideal normativo prévio -e até o rompem, permanentemente; por exemplo, o sogro que mata o genro pois está enamorado dele). Cabe notar que a transformação, especialmente nas grandes cidades, da família (dita pelos antropólogos) restrita para a forma de família ampliada (por exemplo, com os múltiplos casamentos e enlaces entre pessoas variadas, mesmo que de gêneros distintos, especialmente nos meios urbanos; o casamento de mulheres mais jovens com aposentados idosos, de quem devem e precisam herdar as tão importantes “pensões” e aposentadorias; os enlaces amorosos e matrimoniais entre sujeitos do mesmo gênero sexual; etc.) produziu um “eu” ainda mais descentrado e cada vez mais carente de referências cênicas exatas.

Que se vale de múltiplas aparências e apareceres para ser um “eu” e, por isto, está mais destinado à dispersão e não à multiplicidade.

Por exemplo, um x qualquer se questiona se ele é realmente filho de um casal, dito de seus pais, mesmo tendo um registro civil ou jurídico de nascimento e testemunhos efetivos que provam sua origem fisiológica e um acolhimento familiar (empiricamente)

demonstrado, pois este x se sente preterido pelos relacionamentos preferenciais dos pais com seus irmãos: “nasci nessa família ou fui encontrado e adotado?” “Por que meus pais não gostam de mim?”

Outro y se indaga sobre o gênero a qual pertence: “sou mulher ou homem? meu corpo é de mulher” mas, “por dentro me sinto e sou macho”. “Como me enxergam meus amigos, minha família?”. “A quem quero, amo, a ela ou a ele? Ou aos dois?” “Sou o último de uma sequência cronológica de homens, de irmãos, meus pais queriam desta vez (do meu nascimento), uma mulher: a que gênero pertenço? Aos dois? Ou a um terceiro gênero” “Gênero que sinto e ressinto, mas não sei expressar rigorosamente nem dizer sua significação”?

Clinicamente, outrem que me procura se me coloca sempre no modo de estranheza, exigindo-me desde seu desconforto, seus *mal estares que ele precisa ou/e deseja partilhar, também para minorá-los ou diminuí-los*; para conviver melhor com eles em sua expressividade múltipla.

Ou, assunto corriqueiro nos pensares clínicos de Freud, a mulher solteira que se apaixona pelo seu cunhado viúvo e cuja irmã, esposa desse mesmo cunhado, morreu e ela imagina que pode e deve substituí-la conjugalmente. E aquela outra que se apaixona pelo patrão, homem de outro estamento social e que não lhe corresponde os sentimentos e que ela sintomatiza como expressão de seus afetos (anosmia e cacosmia no chamado "caso Lucy"), pois deveria “conhecer seu lugar” de subalterna enquanto governanta. Etc., etc.

Observo que nesses exemplos não lidamos com a noção de ambivalência, mas de multivalência.

Já aprendemos, exaustivamente, que a ordem psicanalítica tem em seus fundamentos, necessariamente, que considerar as falas dos outros, pois nossa razão, por mais poderosa que seja, não tem como, não sabe todas as razões e desrazões *dos outros*, seus outros estatutos que ainda está por adquirir (que pode ser e é indefinido)

mas pode e deve escutá-los e acolhe-los. Quando um idoso ou velho/a indaga sobre “qual o meu (dele/dela? ou meu, seu psicanalista?) sexo”, pode estar falando de sua potência sexual decaída ou da diminuição de sua libido, ou de suas pulsões ou instintos bissexuais ou multissexuais que (re)emergem com vigor; e não deve haver palavras consoladoras nas intervenções do psicanalista, apenas um exercício de colocar outrem diante do que já é e assim se manifesta. Não se cura o episódio ou o fato, experimenta-se curar o evento (afirmando a multivalência sexual, por exemplo) e, por vezes, a organização psíquica. Elaboram-se os ditos sintomas, não se os eliminam. Mas eles se transmudam, se transformam.

Por último, a chamada obra freudiana modificará a Filosofia e suas questões (denominadas) específicas. Freud o havia previsto, afirmando que, desde a emergência da Psicanálise, teríamos que pensar outras relações entre consciência e inconsciente (1913 *Os interesses da Psicanálise*, parte II). Desde tal entendimento é que a clínica psicanalítica avalia as ordens de falas e silêncios, os atos falhados da consciência, bem como os murmúrios dos que nos procuram, assim como nos modos como os recebemos, do mesmo modo que a teoria psicanalítica deve procurar as razões do que a chamada “vida social” enuncia.

Porém, como se sabe, não há *uma* única vida social, um modo unitário de arranjar e ordenar humanos ou (ditos) sujeitos, mas uma multiplicidade de regimes e níveis de junções coletivas. O próprio imaginário é sempre coletivo, coletivo sem centro, um arranjo, mais do que uma coligação individual necessária e parcial.

O que conhecemos como imaginário é múltiplo, nos indivíduos e nos grupos; e faz-se diferentemente no (dito) mesmo indivíduo em seu envelhecer (por exemplo). Nós também somos constituídos por nossos sintomas, indissociavelmente. Ou, como já ensinava o beato escocês Duns Scot (ou Scotus, 1266-1308) que por qualquer causa eficiente que seja gerado o composto, é a própria causa que ocasiona efetivamente o *esse* desse composto;

ora, existem compostos gerados por causas criadas, portanto uma causa criada pode causar *esse* e este não é o efeito próprio de Deus.

Na emergência do pensamento freudiano, há uma inequívoca importância de psiquiatras e neurologistas, o que trará à baila a discussão sobre as diferenças entre os saberes médicos e a psicanálise (dita) leiga. Pois se as duas profissões ou exercícios médicos (Psiquiatria e Neurologia, no caso) somente existiram autonomamente enquanto campos de saber e poder reconhecidos para “curar” os males psíquicos foi não apenas porque se impuseram como tais na divisão simbólica e social de produção ocidental, mas também foram levadas a isto pela sua *ocupação* de uma área (quase) específica de questões humanas, que também dizem respeito à finitude. Desde seu poder e ocupação, ganham fé, crença, enquanto saberes válidos e validados.

Por exemplo, no campo do que consideramos o irrazoável e o arrazoável, existem certos comportamentos e fazeres que se iluminam se postos em contato com o que Freud mostrou ser parte do mundo de verdade e das verdades do mundo.

Relembro que no Brasil contemporâneo tais prerrogativas médicas se transladaram já há algum tempo, ao menos parcialmente e especialmente nos grandes centros urbanos, de modo incisivo nas classes menos abastadas e mais pobres culturalmente, para as crenças e religiões evangélicas, para quem o Mal ou os males é ou são unicamente uma encarnação do demônio maligno e tais males se curariam pela intromissão da voz, das falas, dos ditos e da guia dirigida dos pastores; e mais as falas através das TVs, claro, das quais participam tantos outros.

Invertendo o pensamento do filósofo francês, no Brasil urbano contemporâneo, aonde os SUS são bastante carentes, vai-se da saúde fisiológica para a salvação das almas.

Vejam algo pertinente por relação à chamada “loucura”. Sem nomear suas especificidades e agenciamentos, a loucura é ou nela existe no humano psíquico algo que se manifesta de modo

permanente como cortes e desligamentos, pela rudeza de quebras rápidas e excessivas, alguma coisa que se desliga e impede fazer conjunto, a recusa de níveis e registros já conjuntados e articulados harmoniosamente, a repetição insistente do que já se explicou exaustivamente, uma grande dificuldade ou impossibilidade de conjuntar e associar de modo esperado, produzindo uma suspensão parcial ou maior do que a esperada dos níveis comuns de realidade em troca da assertiva de afirmações singulares ou individuais, fazendo com que o sujeito em questão seja tomado por experiências imediatamente corporais (lembro que o humano é sempre e especialmente incorporeal) e que dificilmente se traduzem nas linguagens comunicativas de certo grupo ao qual o dito louco pertence ou “deveria” pertencer. O louco corta e disjunta, é um senhor da incomunicabilidade, um não razoável. Toma parcialidades pelo todo e o corpo (dito) próprio pelo mundo, seu próprio olhar é projetado como olhares dos outros. Vive especialmente também as e nas sombras. Mas encontra nas sombras “algo” que os iluministas não sabem e nem procuram ver e saber. Possuído especialmente pelo *fora*, expressa por vezes o trágico.

O chamado "povo alemão", a maioria esmagadora dos alemães de então, se inclinou, cerca de 1930, pelo lema *Deutschland erwache* (desperta, Alemanha), antes do posterior e mais conhecido *Deutschland über Alles* (Alemanha acima de tudo), que ajudou a levar à invasão e ocupação de territórios que "naturalmente" deveriam fazer parte da grande Alemanha, uma Federação de povos gerida de seu centro direcionado desde uma e unitária Berlim branca e embranquecedora alemã. Lema tão atual e eficaz, repetido pelo atual presidente norte-americano Donald Trump ("Façamos a América grande novamente").

Entre os alemães da década de 1930, tal lema, ainda tão contemporâneo e permanentemente racional, opondo-se aos seus (ditos) resíduos obscuros, terminou por afirmar e querer exercer a hegemonia do homem branco e dolococéfalo, permanentemente mais sabedor e iluminado (e, é claro, expansivo, como somos

os *Sapiens*), por oposição aos obscuros marginais condenados ao extermínio.

"O sono da razão produz monstros", ensinou o pensador, pintor e gravador Goya (1746-1848), quando se precisam incluir os chamados "irracionais" numa Razão Única.

Para tais pensares e fazeres, uma nova teorização freudiana, a partir de 1916 aproximadamente (conhecida como *Segunda Tópica*), elaborará as questões teóricas das funções das pulsões de morte e da compulsão à repetição, das disjunções e dos ódios. Alguns psicanalistas preferem se referir a isto, as chamadas pulsões de morte, como Tânatos, deus filho apenas de mulher, da deusa Nix, a noite ("produção independente" mítica, maternada; por sua vez, a própria Nix seria filha de Caos), em sua distinção e diferença permanente com Hades, outro deus dos mortos, filho de dois pais de gêneros distintos, morte sexuada e sem retorno, Hades que manda sobre os mortos no seu reino, domínio que já é hierarquizado, até mesmo no rio (Éstige) que o conduz, remado por Caronte ou Kharon, até ele.

Devo marcar que "isto", a chamada loucura enquanto psicose só existe articulando-se por referência a certos saberes e relações de poder (como nos mostrou Michel Foucault). Muitos dos que denominamos poetas, artistas, atletas etc. são assim como indiquei acima, mas os pensamos como fenômenos e exceções ao saber constituído e merecedor de verdade e aparições, "fenômenos" (*phainómenon*, "o que brilha à luz") fugidios; e só posteriormente os veneramos (depois, em outros tempos, que eles, os próprios loucos, por vezes anteciparam sem serem acreditados pelos seus contemporâneos).

Talvez, quem sabe? a escuridão que envolve os humanos tenha que ser examinada simultaneamente através de afetos, percepções e categorias/conceitos (como quis o filósofo francês Gilles Deleuze, 1925-1995). Mas a Psicanálise é bem mais ampla e indiscutivelmente melhor fundada do que outros pensares e filosofias. A obscuridade, o não-iluminado é parte

necessariamente constitutivo do psiquismo, ao menos este psiquismo criado teoricamente por Freud.

Acredito que é este o campo onde a vertente freudiana simbólica, de alguma forma, se inaugura incisivamente e ajuda a inaugurar; e que tem que ser permanentemente elaborada e ampliada pelos psicanalistas. Neste sentido, todo humano é circunstancialmente receptivo à loucura. E às mutações. A Psicanálise não é um saber simples, composto *unicamente* de conceitos fixados e ditos “normais” (estáveis e unitários), metapsicologizáveis, seu campo de práticas e saberes é inesgotável.

Antes das descobertas ou intervenções freudianas, do reconhecido vigor psicanalítico do “complexo nuclear” (*Kernkomplex*), os saberes psiquiátricos já categorizavam os sintomas psíquicos enquanto ou unicamente como conjuntos.

Por exemplo, um notável psiquiatra e neurologista alemão, Wilhelm Griesinger (1817-1868), grande codificador da Psiquiatria, fundador do conhecido hospital psiquiátrico suíço Burghölzli, postulava que se trata de localizar a fonte das doenças mentais, pois "as doenças mentais são doenças do cérebro". Mas, ensinava simultaneamente e de modo (como imaginamos, até hoje) múltiplo, que “a atividade cerebral pode ser modificada efetivamente, direta e imediatamente pela evocação de disposições de espírito, emoções e pensamentos”.

Nele, em Griesinger, a noção de complexo já está em estado prático: se existe uma dor psíquica, é porque é também um fenômeno sensorial, se apresenta, e para “se explicar”, ela se faz representar, através de algum sistema que lhe é prévio ou tal sistema “justifica” e expressa dores subjetivas.

Os delírios seriam apresentações verdadeiras, mas falsas representações.

Segundo Griesinger, o que chamamos de psiquismo não suporta vazios. As representações se põem de modo "errado", quando tratam de expressar uma conexão inadequada; entre as

complicadas condutas de relação senso-motoras e os reflexos simples mediam as tendências instintivas (*Trieben*).

E, portanto, as doenças mentais estariam fora do alcance do "eu", pois se produziriam em sistema, não dependentes apenas de um eu centralizador. Griesinger postulou um conjunto de representações psíquicas, que independeriam do orgânico e a função principal de tal conjunto seria manter sua unidade e integridade, a dita *pertinência* do organismo psíquico.

O primeiro psiquiatra a usar a palavra e noção de “complexo” enquanto conceito foi, talvez, historicamente, o psiquiatra e filósofo alemão Karl Ludwig Kahlbaum (1828-1899), que enunciou as síndromes ou síndromas (*Symptomenkomplexe*; em grego, *syndromé* diz concurso, reunião). Vários fatores ou elementos dispersos que atingiam um único indivíduo -no caso de Kahlbaum, seu interesse principal foi a conhecida síndrome da paranóia -se manifestavam *simultaneamente*, de modo regular. Portanto, seria preciso examinar sua conjunção e não apenas os “termos” isolados.

A paranóia atinge a inteligência e para Kahlbaum ela é uma síndrome, uma unidade psíquica em que os sintomas só se organizam de modo articulado, postos em grupos com regularidades e relações mútuas, o que permitiria antecipar não apenas sua organização, mas o curso, o decorrer, o desenvolvimento da paranóia e seus sintomas.

Kahlbaum era um profundo conhecedor e seguidor da obra do grande filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), e este enunciava a diferença entre afecções que atingem a vontade e afecções que afetam juízo e entendimento. Ou seja, o *conjunto* de representações, variadas entre si, seria anterior às chamadas manifestações paranóicas ou crises.

Para o que nos interessa aqui, Kant postulou uma forma sistemática de loucura, a "vesânia" (*Aberwitz*), onde o doente faz uso de princípios que estão *para além da experiência* empírica.



Trata-se de uma desrazão *positiva* (*positive Unvernunft*), e não um simples desvio das regras do uso da razão.

O louco se separaria do *sensu communis*, a conhecida *koiné aisthesis*, conjunto dos sentidos requerido para a sobrevivência, e viveria alheio às regras da razão. A dita loucura seria uma categoria absoluta, que independeria das faculdades da Razão. Porém, sendo pensada enquanto positividade, não pode nem deve ser aproximada do diagnóstico absoluto dominante na Psiquiatria (que se construía e ainda se constrói habitualmente distinguindo, absolutamente, entre normal e anormal).

Portanto, para Kant a sensibilidade passiva informa através de uma faculdade ativa; teoricamente, a recepção sensível nunca é passiva, pois é assujeitada pela recepção ativa.

Em Kant isto leva a considerar três níveis de imaginação, e esta que estou apontando seria a imaginação produtiva.

Nietzsche postulou que a chamada imaginação não é uma exclusividade da razão produzida nas academias e universidades, pois a possuem todos os (chamados) *Menschen*, as "gentes", os seres humanos comuns. O que se encontra também em Kant, quando postula que a característica mais importante e necessária da imaginação é sua produtividade ativa e não sua adequação sensível e reprodutiva (uma cópia) para alguma finalidade meramente copiadora.

As fantasias corresponderiam ao que Kant denominou de imaginação produtiva, a *Einbildungskraft*. E, de acordo com o chamado primeiro Freud, essas fantasias seriam universais, porque geridas pelo complexo paterno.

Na sua segunda concepção de "sublime" (no seu escrito sobre *das Unheimliche*, em 1919h), Freud mostrou como as dores e perturbações psíquicas também viriam do infinito excessivo, que é e deve ser contido pela sublimação, pois o excesso de infinito causa horror nos humanos.

Para o Kant mais maduro, o sublime (conceito recriado na Modernidade pelo filósofo e político irlandês Edmund Burke, 1729-1797), se não há delimitação, o sublime será ou seria um informe (ou disforme), um ilimitado, sem fronteiras (*unbegrenzt*) que não cabe em nenhuma forma sensível e que tende ao horror, por sua infinitude e impossibilidade mesmo de caber em formas sensíveis e apreensíveis.

Em Freud, isto levou, por exemplo, a outra concepção de nascimento (diferente daquela de Otto Rank, nascido Otto Rosenfeld, 1884-1939 psicanalista e mais tarde discípulo dissidente de Freud). O nascimento não seria um evento fisiológico traumático único, pois o estar reunido (*versammelt*, fazer juntura; de *Versammlung*, reunião, conjunto) não depende apenas ou deriva somente de um nascimento fisiológico, pois os “humanos” nascem e morrem insistentemente, permanentemente, destinando-se sempre à alteridade e, no limite, à dissolução. Mas também se conjuntam aos outros insistentemente.

O que coloca a questão da causalidade em suspenso em determinadas situações e nos põe em alerta e suspeição contra a divisão radical entre normal e anormal.

Como outro exemplo, o que seria ou é normal e carente de norma, a-normal, num jogador que aposta em cassinos ou nas chamadas “mesas de jogo”? A busca excessiva do prazer e do risco, característica obsessiva “geral” dos jogadores se distingue radicalmente da acumulação do capital e de bens, norma e regra mais importante das chamadas “democracias capitalistas”. Mas se aproxima também do desejo de “ter sorte”: ganhar uma bolada e repetir permanentemente essa sorte; seria um vício, uma repetição insistente não assujeitada às experiências reproduzidas e socialmente aceitas e valoradas (como apostar na Bolsa de Valores, por exemplo).

Um regime de imaginação produtiva que corre riscos similares e repetidos. Experiências que estariam “em aberto” numa vida social ampla e amplificada, mas com regularidades bem definidas como as das sociedades ocidentais. Que num jogador habitual de

cassino ou loteria pode levar à quebra de suas personalidades jurídica e financeira. E nas bolsas de valores pode levar à falência quase imediata ou, ao contrário, aos enormes e desejados acúmulos de capital.

Contudo, seu regime é também lúdico e não de simples reprodução; e a sorte deve se contar como chance, como acaso benevolente. Jogo é risco, necessidade de caos.

Mas os navegantes aventureiros que se arriscaram em mares nem mesmo nomeados, também contavam com a sorte (do mesmo modo que contamos com a sorte quando apostamos na Loteria Esportiva em 1 talão, com 6 números contra outros 200.000.000 de apostas “similares”, na expectativa de ser os únicos acertadores; e ainda temos que acertar os números sorteados!). Ou seja, o jogo é disponível, mas quem aposta, também é. Ou só espera vencer, acertar a única combinação sorteada? Mas é grande o prazer no jogo e seus riscos e ganhos possíveis; a repetição das tentativas e sua expectativa é sempre prazerosa, o risco afeta e obriga o jogador.

Contudo, esse raciocínio se faz na maioria das vezes no interior de uma produção da “sociedade do acúmulo” e não acompanha as postulações de “gastos” inúteis, melhor dizendo, gastos éticos e gastos estéticos. O filósofo e escritor francês Georges Bataille (1897-1962) observou, no seu livro sobre “a parte maldita” (tradução da editora Imago, 1975), que, por exemplo, o erotismo existe sendo intensamente e incessantemente gasto. Não apenas os corpos eróticos, mas o erotismo do coração, dos afetos e o erotismo sagrado não são acumuláveis, como o seriam os produtos habituais da sociedade capitalista, pois são alvos insistentes de dispêndios. Gastam-se. Tais modalidades de consumo dito absoluto e sem circulação (dita) produtiva são os motores de outros modos de trocas e coesão social.

Ou você que me lê não tem algum apego ou amor que não se acumula e não se esgota?

Os antropólogos e por vezes os economistas nos ensinaram a conhecer outros modos de gerar e gerir economicamente, como, por exemplo, os sistemas sociais e culturais nomeados “potlatch” ou “kula”, que não são cumulativos, que não circulam e nem retornam, mas que fazem “comunidade” (a produção social e cultural circulativa foi exposta primordialmente como uma categoria de “dom”, criada na sociologia do francês Marcel Mauss, 1872-1950; mas sobre isto vocês devem ler em outro lugar).

Porém, na vesânia kantiana (a demência), o corpo está ausente, ele não se expressa, pois o que se manifesta são ou seriam apenas os produtos psíquicos não razoáveis, irrazoáveis do demente. No caso, nesse exemplo que apontei do jogador que aposta incondicionalmente, será o paciente histérico quem ajudará a desmontar a classificação absoluta da Psiquiatria, que distinguia entre normal e a-normal (o  $\alpha$  grego,  $a$ , mostra, marca a privação; no caso, carência de norma ou normas, ausência das regularidades esperadas dos eventos).

Na sua 10<sup>a</sup> Conferência brasileira, o historiador e filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) ensinou que o histérico não se enquadra nesta divisão. Ele resiste a ser o elemento tipo para essa demonstração, pois assume a função do lugar privilegiado dos sintomas; exaspera os sintomas, através de um jogo que consiste em ludibriar o psiquiatra, ora mostrando-lhe que não existe substrato orgânico para a loucura, ora criando novos e desconcertantes sintomas (Michel Foucault, *O poder psiquiátrico*. Tradução e resumo das 12 conferências por Roberto Machado, 1944- e Jurandir Freire Costa, 1944-. Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro. UERJ, 1979, p. 92).

O histérico está na passagem entre razão e loucura, é e não é louco; exige outro tipo de conhecimento para elaborar seus ditos e fazeres.

É o que Freud possibilitará e criará. Com isto ele porá em xeque as diferenças radicais entre normas e anormalidades no seu modo psiquiátrico habitual.

No seu contato com o pensamento psiquiátrico e, especialmente, a clínica psiquiátrica, Freud vai a Paris em 1885, estudar com o neurologista e psiquiatra Jean-Martin Charcot (1825-1893) no Hospital Geral de Salpêtrière (que Charcot chamava de “lugar de pandemônio da insânia”). Aprenderá com ele que os acontecimentos sintomáticos não são individualizados, pois pertencem ou fazem parte de uma “entidade mórbida”, um complexo, um “tipo clínico”, como postulava Charcot (assim escreveu Freud, o método de *estudo dos tipos* é fundamental na nosografia. Porém, uma vez constituído o tipo... é preciso aprender a reconhecer os casos imperfeitos, frustros, rudimentares....[e] os complexos nosológicos.... resultantes de uma associação, de uma justaposição em que cada um dos componentes conserva sua autonomia). Uma síndrome, como já aponteí.

Sabemos que por aí Freud encontrará a via mais específica da futura Psicanálise, mas somente quando estabelecer seu próprio pensamento marcante em dois escritos essencialmente psicanalíticos para fundamentá-la, os conhecidos *A interpretação dos sonhos* (1900a) e *Três ensaios sobre a vida sexual* (1905d).

Portanto, Freud filósofo, a favor ou contra, não se trata de um jogo de futebol, um Fla-Flu no qual temos (!) que torcer por um dos times em campo; nem uma “competição” (habitual no *You Tube*) entre os tenores Camarena e Brownlee para saber quem canta melhor no dueto alto e difícil do *Otello* de Rossini (aliás, os dois cantam muitíssimo bem). Mas são modalidades diferentes de abordar a obra freudiana e o modo aqui exposto considera também, diferencialmente, a clínica psicanalítica e sua emergência diante dos fazeres psiquiátricos de então (e de hoje). Não é a única maneira de fazê-lo, mas o faz.

Como quer que seja, poucos heróis culturais tiveram quase todos os aspectos de suas vidas examinados e, mais até, analisados (?!), como aconteceu com Freud. O que leva a desatinos, uma super tele análise exaustiva e cansativa, chata por vezes, que

tivesse que escrutinar todos os eventos de sua vida, pois seriam “constitutivos” do pensador Sigmund Freud.

Sendo cuidadosos, pensemos que, como afirmava o filósofo e psicanalista greco-francês ou heleno-gálico Cornelius Castoriadis (1922-1997), a própria Psicanálise não pode nem 'se fundar', nem *mesmo* dar conta de si própria a partir de seus próprios 'conceitos' (donde a lamentável inadequação das tentativas de dar [inteiramente, acrescento eu] conta da *atividade* analítica a partir do 'desejo do analista', da *elucidação* analítica a partir do 'fantasma' ou do 'delírio' partilhado) ("La psychanalyse, projet et élucidation. 'Destin' de l'analyse et responsabilité des analystes". In revista *Topique* 19. Paris, abril de 1970).

Contudo, continuemos tentando, fundamentados, pois fundamentar é necessário, mesmo quando, no limite, infinito, inacabável, sem fim e inacabado (*unendlich*, como ensinou Freud). Como mostrarei adiante com outra “fundamentação”, bem diferenciada, sobre Martin Heidegger, o grande filósofo totalitário alemão quase contemporâneo.

Desde suas primeiras elaborações, Freud mostrou que enunciados teóricos não deveriam se separar radicalmente do seu elaborar(-se) clínico. Se Freud o fez, de modos intensos e argutos, por relação à psicosexualidade, nem sempre o fez (na verdade, não poderia fazê-lo, ninguém o pode, pois a Psicanálise é um saber transdiscursivo, que não pode ser contida num sistema unitário de regras e noções) nas suas elaborações (ditas especificamente) simbólicas. Pois o que se denomina de regime simbólico, é infinito e insistentemente cindido, partido, algo que conhecemos hoje, no seu regime positivo, como “longe do equilíbrio termodinâmico” (teorização do russo-belga Ilya Prigogine, 1917-2003, prêmio Nobel de Química de 1977), bem distante de um equilíbrio dinâmico eterno, prometido e não realizado (na verdade, impossível de se realizar) pela Mecânica do grande físico e místico inglês Isaac Newton (1643-1727).

Mas que na época do aprendizado e criação freudianos se pensava (apenas) a Mecânica inconscientemente como parte constitutiva e

necessária do Espírito equilibrado; e filósofos procuravam ou se viam a procurar a estabilidade e equilíbrio do dito Espírito, motivo e motivação para a produção da Razão única e, por isto, também homoganeamente equilibrada.

Distintamente do que ensina na atualidade o químico e cientista Prigogine, que estabeleceu a bifurcação como característica necessária dos processos físicos e pensou a estrutura dissipativa como via intermediária entre o denominado caos e as ordens da chamada natureza. Também para Freud, desde a teoria geral das psicoses e das teorias específicas das pulsões, haveria dois tipos de determinações distintas, que só se admitiriam com o desenrolar de suas teorizações. O que ele determinou com o conceito ou categoria de "mal estar" (Freud, 1930a[1929] *O Mal-estar na Cultura*).

Algum leitor mais habitual da Psicanálise verá as grandes distâncias entre sua teorização (de Freud) do caso mais importante de psicose (o chamado “caso Schreber” 1911e[1910], a quem ele só conheceu pela leitura do livro das *Memórias* do próprio juiz e pensador dito psicótico Daniel Paul Schreber, 1842-1911, suas *Denkwürdigkeiten*) e os casos de neurose, durante toda sua perlaboração. Enquanto nos casos clínicos onde examina as pulsões sexuais se vê levado a considerar detalhes e vias específicas das pulsões, ali onde cria o modelo simbólico e de significação geral, ele se vale especialmente do que o próprio Freud elaborou como “complexo paterno”, que daria início e fundamento a um conjunto organizado e regido pelo lugar vazio do pai, pai esse que fora assassinado pelos seus filhos, no interior da horda a quem desejava ordenar excessivamente e queria dominar de modo permanente.

O complexo nuclear daí resultante, o dito *Kernkomplex*, é uma síntese equilibrada e composta de invariáveis, onde as pulsões poderiam (e deveriam) ser contidas, pois ele as enquadra, possibilitando que seus caos e os imprevisíveis possam ser absorvidos e controlados teoricamente. Daí advirá a noção de

“complexo de Édipo” termo que, ainda hoje, identifica e Psicanálise como única e equilibrada.

**Intervalo psi** - Lembremo-nos de que os psicóticos a quem os psicanalistas ouvimos e de quem tratamos são um grupo restrito dentre os loucos, um grupo que discursa seus delírios coerentemente e ainda conta na maioria das vezes com um atendimento familiar. E também paga financeiramente os trabalhos dos psicanalistas.

Mas, e os outros psicóticos, pobres e sozinhos? Sem dinheiro e sem poder, a não ser a exibição involuntária e o oferecimento dos seus próprios corpos? Indesejados inclusive em sua família de origem...

Não é este o local adequado para esse assunto, mas, para me restringir à vertente brasileira do tema, recomendo, ao menos, o livro de Hiram Firmino ?- (*Nos porões da loucura*, 1986) e o escrito e o filme de Daniela Arbex?- (*Holocausto brasileiro*, 2013), que relatam sobre a vida e morte de cerca de 60.000 internados pobres e excluídos, maltratados e violentados no Hospital Colônia da cidade de Barbacena (bárbara cena?), em Minas Gerais, entre 1930 e 1980.

Mas é preciso acrescentar que foi a convite, especialmente, de um médico mineiro, o hoje psicanalista lacaniano Francisco Paes Barreto (1940-), que o famoso psiquiatra italiano Franco Basaglia (1924-1980) foi a Belo Horizonte para, depois, conhecer e difundir a crueldade do hospício-colônia de Barbacena e suas somente misérias. Basaglia, que denunciou a violência ali persistente, chamou o lugar de campo nazista e Barreto sofreu uma sindicância da Sociedade Médica de Minas Gerais, pela ousadia despropositada de seu convite (!!).

Tanto mais valor positivo tem o psicanalista Barreto, quando se sabe da colaboração dos psicanalistas brasileiros com a ditadura local, como da sua convivência com este pior dos mundos. Caberia a tais psicanalistas pertencentes à IPA, seguir as sugestões e atitudes e idéias do psicanalista franco-canadense René Major



(1932), reunidas no conceito de "desistencialismo". Mas isto é ou deve ser tema para outro escrito.

Como o sabem e ensinam os psicanalistas, a psicosexualidade se faz em torno de um primeiro momento constituinte (pré-sexual) longe do equilíbrio, apoiado em momentos de satisfação (que obrigam a repetição em sua busca, mas que são impossíveis de obter), e que é recalçado posteriormente; fundamentado nessas mesmas experiências de satisfação, *Befriedigungserlebnisse*, dos quais é um seu momento secundário, organizado e organizador, de recalque que constituiria o chamado "inconsciente" enquanto sistema (desde a produção das três fantasias originárias: sedução, cena primária e castração; lembro, porém, que as fantasias antecederiam o sujeito já que "todos" sujeitos nasceriam em posição filial e "herdariam", *nasceriam nas* e das *fantasias*. E os ditos humanos que não o são?).

É de tais considerações que emerge a importante categoria freudiana de transferência, os eventos estão sempre para além do que é presentificado, repetindo alguma situação primordial.

A isto chamamos de transferência, a *Übertragung*, o conduzir para além de, na busca *incessante* de uma ou alguma origem (única? Tal objeto protetor, efetivamente, inexiste; e por vezes, ainda que inexistente, tem que ser criado nas sessões psicanalíticas). Origem, conforme mostrei e ainda aponto que só pode ser imaginária. Aliás, o que não é imaginário no que Freud reconheceu como "humano"?

Enquanto no *caso Schreber*, isto implicará no estabelecimento de uma teoria geral, a procura da regularização discursiva e de suas leis, com a anulação das diferenças que se poderiam escutar desde a leitura das *Memórias* de Schreber. O chamado "teatro interno" examina os indivíduos como casos relativos ao *complexo paterno*, seu modo de se reverterem ou não à ordenação desde o "nome do pai". E as singularidades não são motivos para exame numa teoria que credita ao psiquismo uma unidade temporal que só existe estabelecida espacialmente.

Mas se o psiquismo é prévio ao seu fazer-se individualmente, os psicóticos serão distinguidos e excluídos do campo psíquico dito “normal”, e se tomarão como não realizados, frustrados, ou a se realizar e constituir apenas teoricamente, como devedores, seres faltosos por relação ao complexo paterno (supostamente completo e sistematizado teoricamente) que necessariamente e sempre os antecederia.

Porém, Freud, inventor maior do psiquismo, nos aponta, também, outras vias do pensar psíquico. No seu *posfácio* ao seu próprio comentário escrito sobre o “*caso Schreber* [1912a[1911; *GW*, VIII], apresentado no Terceiro Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em setembro de 1911 na cidade alemã de Weimar, Freud afirmou a proximidade das ideias escritas por Schreber com as teorias psicanalíticas e mostrou que o psiquismo tem várias vias e *não um caminho único e unitário* a percorrer.

Como ele escreveu para o psiquiatra e investigador suíço Carl Gustav Jung [1875-1961, seu futuro adversário de pensar e ser; Jung era antissemita e distinguiu radicalmente os inconscientes ariano e judeu- que o apresentara às *Memórias* de Schreber). Freud, em carta de 22/04/1910, escreve a Jung sobre o maravilhoso Schreber, que poderia muito bem ter sido feito [nomeado] professor de psiquiatria e diretor de hospício. Os delírios têm uma construção específica e não são, ou não são apenas e sempre produtos mal realizados de um psiquismo único e generalizável, originado desde um único “complexo de Édipo”; não são suplências fálicas, pois constituem outra(s) linguagem(ns) e fazeres, são seres e fazeres com regras específicas e próprias, eventos singulares (por vezes) e descentrados de uma teoria geral].

Tenho certeza de que, mesmo com as restrições antes enumeradas, as teorias simbólicas freudianas em muito contribuem para o que importa no pensamento psicanalítico. Por relação ao que chamo de psicose, eu mesmo pensei em postular como ponto de referência a transformação clínica dos sentimentos excessivos de restrição que incidem diretamente sobre os

psicóticos, em sofrimentos expansivos. Mas me dei conta de que haveria –outra vez mais- que quantificar o que seriam “os afetos”, além de pensar se sem sofrimento os psicóticos (se) fariam o que chamamos, ao menos no Ocidente, movimentos de expansão psíquica. Acho que, mais uma vez, tais proposições devem ser intensificadas e bastante ampliadas.

E deve-se considerar a criatividade dos psicóticos, para quem os sofrimentos são também um movente de criatividade e não apenas obstáculos à criação. Na verdade, para todos nós, não existe “humano” sem males. Como?

No seu escrito sobre o *Mal estar na Cultura* (1930a[1929]), Freud afirmou que a *Unbehaglichkeit* constitui permanentemente o que é humano (humano, *menschlich*, é aquilo que, depois da obra do psicanalista francês Jacques Lacan, 1901-1981, seguindo a interpretação heideggeriana de *hypokeimenon* de Aristóteles, é o ser enquanto ser em sua unidade de *Dasein*; *Da-Sein*, ser aí que cuida do Ser, é seu pastor, à moda dos pastores evangélicos), e que se denominou extensivamente na Psicanálise de subjetividade; *sub jacere*, *sub-jetividade*, jazer sob, debaixo de. A subjetividade não seria multiplicidade (modos específicos de subjetivação), mas envio permanente do Ser e, por sua vez, voltada e derivada ao Ser. Corresponde ao Ser na Filosofia e, principalmente, na Metafísica, àquilo que supostamente permaneceria como subjacente a qualquer questão sobre o que é a Razão. Tal Razão (com R maiúsculo, ou Outro, grande Outro na linguagem e teoria lacanianas) subjazeria a todos os entes e seu questionamento se faria no regime abstrainte mais elevado desde o Ser único e imutável.

Esse mal estar subjetivo, também único e desde logo determinado a ser a *Unbehaglichkeit*, expressaria, nos regimes discursivos e nas produções da cultura, o que é carente de prazer, a negação, *un*, (prefixo que significa negação) da comodidade, de satisfação, do aconchego, ausência e carência do que é confortável, à vontade, *behaglich*. E, como já indiquei acima, as sombras também e *sempre* constituem o humano e não são apenas

as luzes no fundo de uma (suposta) caverna platônica em cujo fundo e ao final de uma jornada do pensamento de ascendência dialética se encontrariam o Bem, o Belo e o Justo.

Caminhante, são teus passos o caminho e nada mais: caminhante, não há caminho, faz-se o caminho ao andar. Ao andar se faz caminho, e ao voltar a vista atrás se vê a senda que nunca se voltará a pisar. Caminhante, não há caminho, mas sulcos de espuma ao mar, poetizou o espanhol Antonio Machado, 1875-1939; sulcos se diz em alemão *Spuren*; *Spur*, no singular, é a marca que o navio faz ou deixa ao deslizar na água, um sulco, marca aquática, mesma palavra ou semantema que Freud utilizou para dizer a fluidez das memórias, fluidez que acompanha e marca, e é marcado pelas experiências de satisfação, que são os *loci* não geográficos ou não fisiológicos permanentes, traços diferenciais por onde a chamada Memória psíquica se organizará posteriormente, através das fantasias. Marcas psíquicas rigorosas, que devem existir e existem, que não são exatas nem universais, mas singularidades. E são.

Portanto, Freud se distinguirá fortemente dos pensamentos médicos (qualquer que sejam), pois o que dói e se pensa com *unbehaglich*, os sofrimentos e as doenças (conjuntos de elementos que nos fazem sofrer) são formas, manifestações de *conflitos* localizados no psiquismo e nos corpos de todo homem, desencontros e encontros; e não apenas unidades elimináveis pela Razão ou pela meditação sobre o Ser.

Claro que tal posição de pensamento implica em que não há “uma” ou alguma normalidade a ser atingida, pois a investigação psicanalítica se mostrará interminável, infinda e o seu objeto, os psiquismos, é infinito.

Seria finito e permanente o recalque primário?

Isto nos ilumina outro modo de ser do pensamento freudiano. Haveria algo profundo e investigável também na atitude imediata, dita pulsional, das pessoas a respeito de si mesmas e de seus atos. Pois não haveria nada humano que não fosse psíquico, tudo teria

alguma “razão de ser” ou pulsional de ser, tudo o que é humano. Quaisquer gestos, palavras, uma recordação, um esquecimento, um timbre de voz, um andamento ou ritmo da linguagem, todos esses eventos têm íntima conexão com o inconsciente. Por isso, Freud deteve os seus estudos nos sintomas neuróticos, nos atos falhos, nos sonhos e nos demais assuntos correlatos.

Tais (mesmo que rápidas, mas não ligeiras) considerações aproximam os regimes simbólico e pulsional da Psicanálise. Pois a Psicanálise tem uma vertente clínica que é sempre guiada e dirigida pelas culturas nos seus modos inconscientes (ver a rápida, mas apropriada menção acima sobre o hospício de Barbacena). E que pode ser apreendida também em seus chamados casos clínicos e nos inúmeros escritos e entrevistas freudianos sobre arte e artistas, especificidades sobre guerra e paz, o pensar mítico, liderança e poder, indivíduo e massas, o significado das religiões, o ser das crianças etc.

Por exemplo, sabe-se, à exaustão, a importância que Freud atribuiu às crianças e aos (ditos) homens selvagens para elaborar a Psicanálise. Para ele, de algum modo, os selvagens expressariam uma espécie de criança do estado teórico do mundo. E que por isto revelariam a simplicidade do humano, uma espécie de pulsão nua ou mais nua.

Contudo, o que aprendemos com o próprio Freud, desde sempre, não há simplicidade no humano, adulto ou infantil.

O belga-francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009), filósofo, etnólogo e grande pensador nos ensinou que os (assim chamados) sujeitos selvagens têm um modo concreto de apreender e expressar o mundo, no que chamamos de modo mítico, através de séries dos chamados eventos “naturais” (dia-noite; alto-baixo; solar-lunar; norte-sul; quente-frio; perto-distante; seca-chuva etc.; recordo que tais eventos “naturais” se devem a observações sígnicas do que se convencionou chamar de "pensamento selvagem", que finalizam como mitos; e que os humanos as fazem com detalhes e regras muito especiais e diferenciadas) e que esses são complexos, modos de pensar que parecem se guiar por uma

lógica simples, mas que, tal lógica sendo inconsciente, é bem complexa; como na Psicanálise, que influencia profundamente as ideias levi-straussianas, todo pensamento, sendo inconsciente, é produto de operações bastante complexas. Apesar de Lévi-Strauss ainda pensar (por vezes, apenas) binariamente, em torno de uma oposição principal entre natureza/cultura, o que não abordo nem, conseqüentemente, seguirei aqui.

Os mitos seriam grandes e extensas organizações racionais, outra medida, *ratio*, da (assim chamada) realidade sensível, *outra* forma de organizá-la (a partir do grande filósofo Lucrécio Caro -99a.C.-44a.C.- aprendemos que não há uma natureza única, natureza naturante, a natureza é sempre uma organização secundária; sua interpretação pelos homens é bem distinta daquela -se a podemos chamar assim- sua interpretação e percepção pelos diferentes animais).

Quem sabe, para Freud, que não conheceu o pensamento de Lévi-Strauss, as distinções entre essa ciência do concreto e os notáveis saberes que a examinam seriam da ordem da Sublimação, categoria da Química que ele utilizou para falar da experiência da transformação de prazer ou satisfação (de origem ou emergência sexual) em saberes avaliáveis e autônomos, no interior de ordens racionais ou racionalizáveis.

O que nos ensinará a distinguir entre o biológico/fisiológico e o psíquico (conforme venho insistindo ao longo dessas poucas linhas); mas mostrará que a satisfação sexual pode se encontrar com e em objetos psíquicos que seguem a tal lógica do concreto (ver adiante sobre a linguística de Jákobson).

E o que é criança na Psicanálise? Em suas primeiras concepções, Freud enunciou que os primeiros traumas psicosssexuais se davam unicamente numa infância cronológica bem precoce. A própria criança quando diz o que pensa em seus falares singulares, e mostra o que faz, é porque ainda não se satisfiz com ou não se rendeu inteiramente às ordenações do recalque secundário: a criança é um perverso polimorfo. O brincar, o lúdico constitui parte do movente de suas atividades, e este jogar permanece no

adulto, nunca é superado. Não há uma Razão que dê conta, que possa superar o prazer e as buscas incessantes da crianceria.

Portanto, se é efetivo (*wirklich*, dizia Freud) que os *infans* dependem de seus pais ou de algum cuidador para viver, eles não são unicamente filhos, mas também e sempre são inventores, criadores específicos de “humanidades”. Crianças existem cronologicamente, mas não apenas nesta sequência, nesta ordem de seu “aparecimento”, do infantil dependente até “constituir” o homem/mulher maduro/a autônoma/o, numa linha desenvolvimentista.

Observando, invejosamente, as crianças atuais de classe média lidarem com celulares e computadores, vê-se essa capacidade inventiva em ação. Também não se deve entender o que a criança investe como estando referida *apenas* a algum objeto interno inato, *imagos* que pré-formariam seu vir-a-ser. A criança devém e não está biologicamente/fisiologicamente determinada para ser uma.

Criança não é um pré-adulto (O que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo seu, ensinava Freud em *Totem e Tabu* 1912-13; meu grifo). O devir não é um vir-a-ser, como seria na obra do grande (talvez o maior) filósofo sistematizador e determinista Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831); o devir não é necessidade já existente de sempre (como na noção de Espírito Absoluto de Hegel, que precisa se transformar em seu contrário para *se* conhecer e *se* expressar adequadamente, se tornar um para si no fazer-se Espírito Absoluto), pois também é produto de encontros e acasos, de conquistas e transformações, exercício imanente de potências; e, conforme mostrei, jamais chega a ser para-si inteiramente (não há consciência ou saber consciente, mesmo no interior do que conhecemos como Filosofia, suficiente para dar conta do que conhecemos como inconsciente; e o limite de transformação do inconsciente em sistema racional mostra como tal processo não é, *nunca*, inteiramente possível). Sem recusar, de modo algum, a grandeza e necessidade de sistematização de Hegel, a Psicanálise

valorizou o fragmentário e parcial, ela não necessita de algum Todo acabado para se pronunciar e fazer-mundo pensável.

A criança é transformação "sintomática", mas também é, simultaneamente, condução de fantasmas, fantasmação ou fantasmaamento, traços ou *Spuren* diferenciados de emergências que marcarão sua subjetividade (ler, por exemplo, do psicanalista e lógico Jacques-Alain Miller, 1944-, "Choses de finesse en Psychanalyse" em *Primeira Sessão do Curso*, 12/11/2008; na Internet). Ninguém tem uma infância única e unitária, as infâncias são várias e múltiplas, permanentemente recriadas, insistentemente revistas. Seus fantasmas, sendo múltiplos e por isto Derrida os chamaria de "espectros", também nos constituem.

Daí nosso interesse pela realidade das relações transgeracionais, pois herdamos "cultura" inconsciente, que nos é conata (segundo Spinoza), e esta exige e obriga transformações, ações permanentes, mas também é nuclearmente repetição. Cultura é sempre mutação, aprendemos com Freud e, simultaneamente, manifestação com a repetição geracional. Algo daqueles e dos eventos que nos antecederam permanece e insiste, persiste, nos constitui num registro crianceiro.

Criança é *multidão* e não indivíduo (*in-diviso*, o que não poderia ser dividido); ela é massa e múltiplo, a criança não é unicamente um prévio do adulto ou uma substância, é um estado, uma *posição* (o termo e o conceito são de outra importante psicanalista, a austríaca Melanie Klein, 1882-1960).

Como insisti, o que chamamos de Inconsciente é um encontro de investimentos ou ocupações (*Besetzungen*) libidinais diferenciados e não apenas uma substância única prévia à consciência, que deve ser adotada obrigatoriamente pela linguagem adulta. Crianças não são apenas predisposições de corpos adultos, mesmo quando lhes devem vida ordenada, pois são também potências nômades, que vagabundeiam permanentemente sobre seus próprios corpos, corpos estes que elas mesmas e as relações culturais e familiares ajudam a fabricar.



Criança é lúdica, jogo permanente de forças, assim como também o são os adultos, pois neles habita sempre *alguma* criança.

Quando um adulto “normal” fala, habitualmente ele deve seu discurso especialmente à ordem discursiva de circulação normativa em seus diversos níveis. Mas nas fala(çõe)s das crianças, elas agem seu desejo-força, estabelecem suas intensidades, sem regulações únicas que viessem especialmente de fora ou se impusessem como introjeções únicas e unitárias. Elas se impõem ao mundo e à linguagem dos adultos, encontram-se com e são simultaneamente os outros e com o Outro.

Tais ideias comporão a especificidade da *Spielanalyse*, da análise lúdica infantil. E abrirão outros caminhos para a análise dos adultos, onde as expressões infantis ampliarão a linguagem, os sentires e os fazeres da dita maturidade.

Vejam os como ensina um grande linguista russo. Roman Jákobson (1896-1982) mostrou que a linguagem da criança se determina também por sua relação com seu primeiro corpo expressivo, corpo afetivo, que é afetado, especialmente, no seu "funcionamento", que atende ao chamado daquilo que Freud denominou de *Lebensnot*, a necessidade da vida (que eu, freudiano, prefiro chamar de *quase-necessidade* da vida, pois a vida não é um assunto ou ser inteiramente ou unicamente biológico).

Os primeiros sons infantis, que a Linguística cunhou como fonemas (unidades mínimas da língua), são materno-femininos, convergentes e *quase*-determinados pela necessidade de mamar e alcançar suas fontes alimentícias (que são, além de nutritivas e questão de sobrevivência, de ordem prazerosa, afetos que buscam repetir as primeiras experiências de satisfação e seus sulcos); são fonemas afetivos, nasais e bilabiais, produzidos pela sucção da criança, mamar que se “faz acompanhar de um leve murmúrio nasal” m, n, lh, por exemplo. E que as mães (e também em menor intensidade os pais, os paternos; nas sociedades do tipo paterno) transmitem intergeracionalmente e as impõem na linguagem normativa.

Enquanto outros fonemas, as oclusivas, provêm de algum obstáculo advindo pela experiência da respiração autônoma (d, p, t, por exemplo), produzidos desde os contatos da respiração.

Do aparelho respiratório emergem juntamente com a primeira dentição e são referentes à inclusão no circuito familiar adulto (que para a criança significará simultaneamente sua adesão à família). Quando os sons se estreitam, produzem-se fonemas fricativos (f, g, x, por exemplo). Trata-se, nestes dois casos, de fonemas “paternos”, que *designam* mãe e pai e que se inscrevem na (e enquanto) linguagem designativa. (“Por que 'mama' e 'papa'”? In Jákobson, *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro. Trad. Livraria Acadêmica, 1967). Nesse escrito, dá-se o apagamento de grandes e irreparáveis distâncias entre sensível e inteligível.

Contudo, Jákobson é prudente (e muito sábio) e usa o conceito de *quase-universais* da linguagem. Pois se mais de 90% dos fonemas maternos obedece a tal (concebida) regra, por que os restantes 8 ou 7% não o fazem, e muitas línguas usam de fonemas não maternos para dizer a posição materna nos sistemas familiares? É que o “dizer-mãe” não depende apenas do sistema linguístico, pois o sentido nunca é simétrico à significação ou pode ser por ele (pelo sistema de significação) inteiramente traduzido.

Mas, atenção, pois essa é uma idéia reguladora e não constitutiva única, pois o linguista mostra que *não se determina em todos os casos*, apenas em cerca de 90% deles. Mas, o que é ou deve ser o contingente é um limite para o meu filosofar aqui, neste pequeno texto.

Um grande teórico e poeta brasileiro, Haroldo de Campos (1929-2003) postulou o termo “transcrição” para o ato ou esforço de traduzir, afirmando que toda tradução de algum modo recria o texto traduzido. Mas, dizemos nós, de acordo com HC, não o alcança jamais, pois o sentido se impõe à linguagem e não o contrário. Inexiste uma linguagem universal e condição *a priori* do inconsciente, já que o inconsciente que se faz incessantemente.

Também, como o mostraram outros psicanalistas, tal produção é lúdica e os homens jogam permanentemente (peço aos leitores que retornem ao que indiquei antes, e insuficientemente, sobre “jogadores” e jogo). Tal linguagem infantil dos fonemas insiste nos adultos como, por exemplo, entre enamorados com suas linguagens afetivas e não exclusivamente a linguagem designativa; os murmúrios dos amorosos não se determinam apenas desde linguagens designativas; nem o fazem os torcedores nos estádios de futebol; ou todos os que vamos assistir a algum *show* ou a uma ópera.

Para Jákobson há uma relação arbitrária entre significante e significado, o corpo do bebê *obriga* o (que chamamos de) designante. Porém, não se fala apenas para mostrar e relacionar objetos (função designativa), mas também como expressão e criação prazerosas. A língua, qualquer que seja, é também valor e não apenas comunicação (significado e significante), é sígnica. A língua é sempre manifestação poética (*poien*, o fazer do artesão).

Assim, Freud teria mostrado que o corpo humano é uma criação, criação *apoiada* (*angelehnt*) num conjunto múltiplo de afetos, que ganha autonomia relativa posteriormente. A própria Psicanálise possui ou é um *corpus* de eventos e saberes que a fazem distinta de outros saberes e seres. Mas esse corpo está sujeito a articulações diferenciadas e que se refazem permanentemente. Quando se fala em corpo desejante em Freud, não se trata do corpo abstrato de um Hegel (com sua noção de *Begierde*, puramente derivado “do e desde um único Espírito Absoluto”, que se realiza na sua História previamente encaminhada, na qual se realiza um único corpo concreto). Mas de uma organização, *Struktur, Aufbau*, que se corta e recorta, se recria multiplamente.

Animais não teriam “espírito”. Mas seus corpos produzem e são produzidos por acontecimentos, eventos. Esta é a emergência do desejo em Freud, *das Wunsch*, que sempre envolve o corpo e a construção corporal de eventos. Tudo o que sabemos é também consequência do trabalho de corpos -assim como o é o sintoma

que se experimenta como sofrimento. Por isto, não se reconhecem, não se podem reconhecer os sintomas (ditos "próprios") como derivativos dos próprios instintos (*die Triebe*) rejeitados ou não perlaborados e não sabemos, nenhum de nós sabe conscientemente que o sintoma é uma satisfação substitutiva para eles.

Todo o processo, no entanto, só se torna possível pela circunstância única de que você está equivocado também em outro ponto importante. Sente-se seguro de que está informado de tudo o que se passa em sua mente, se tem qualquer importância, porque nesse caso, crê você, sua consciência dá-lhe notícia disso"; claro que a consciência não dá notícia "correta" e quando experimenta elaborá-lo, o faz de modo insuficiente e, geralmente, equivocado. Mas o "humano" é um animal do equívoco, permanentemente equivocado, clamado e clamando por vozes múltiplas.

É neste sentido que o *Wunsch* freudiano é inconsciente ativo, enquanto na *Begierde* hegeliana o corpo que não se espiritualizou seria um "corpo morto" ou, estritamente falando, não constituiria mais ou ainda não perfaria um corpo. Enquanto *Begierde*, o que se pensa como corpo o seria somente na cadeia significante, nas vias do Espírito Absoluto desde o sistema simbólico único e unitário. Bem diferente do *Wunsch* enunciado por Freud, como se viu no exemplo de formação *quase universal* dos fonemas de "mãe" e "pai" e da redistribuição dos poderes do dito casal parental e dos *loci* de seus rebentos.

Por penúltimo, quanto à Segunda Guerra (1939-1945), Freud teve que fugir do Nazismo, presentificado (marcado pela presença) pela Gestapo (*Geheime Staatspolizei*, "polícia secreta" do Estado alemão, que já mandava na Áustria) na sua própria casa e pela prisão de sua filha Anna, nas atitudes alemãs contra um Judaísmo da Psicanálise, contra também a *IPV* (*Internationale Psychoanalytische Vereinigung*, organização internacional psicanalítica, atual *IPA*) e a editora psicanalítica; se, parece, ele não acompanhou inteiramente depois a noite dos cristais

(*Kristallnacht*, de 9 de novembro de 1938), não ignorou os pogroms alemães e a violência ariana contra os judeus.

Judeus, no regime nazista serão considerados e (também) percebidos como uma *Gemeinschaft* (comunidade, talvez uma tradução possível) específica, a ser excluída e depois exterminada, pois sem honra e sem valor. Ainda não existe uma história da Psicanálise que considere o que aqui insiro rapidamente e que mostraria outra faceta do fazer-se saber autorizado na grande *Gesellschaft* (a sociedade geral) alemã e ariana sonhada pelos nazistas; e corporificada, por exemplo, no livro do grande jurista alemão conservador Carl Schmitt (1888-1985), *O Estado Total (Der totale Staat)*.

O que importa observar aqui, primeiramente, é a ausência de alguma análise conjuntural freudiana sobre fatos dessa espécie. No conhecido caso em que seu pai, Jakob, teve que se agachar ou abaixar para recolher seu solidéu, a *kipá* derrubada por um gentio na véspera do dia sagrado do *shabat*, Freud e seus comentaristas se restringem a falar dos papéis desse Jakob enquanto pai de Sigmund (e sua recepção meramente passiva) não se examinando o lugar do judeu humilhado e impotente, tipo habitual na classe média judaica perseguida e rejeitada nesta época na Áustria, na Alemanha e na *Mitteleuropa*, empenhado na tarefa ativa de sobreviver e resistir positivamente, bem como em fazê-lo com sua família para ajudá-la também a ficar viva e se expandir.

Sigmund Freud, homem culto, cultíssimo, deve ter sabido desde sempre da existência dos campos de concentração e de extermínio, que os alemães fundaram na África colonizada por eles então (na atual Namíbia), desde os primórdios do século XX para isolar, castigar e domesticar os grupos negros; e que foram e continuarão sendo um modelo para os futuros campos de guarda, isolamento e extermínio de povos não arianos, sem valor de vida possível. Até mesmo a inerte ONU, a organização das Nações Unidas reconheceu em 1985 o controle absoluto e o extermínio dos povos hererós e namaquás no sudoeste africano colonizado

brutalmente pelos alemães (recomendo que se dê uma “olhada” mínima no *Google*).

Como sabemos, e bem, que Freud não pôde levar suas quatro irmãs para o exílio inglês naquele momento de sua emigração (elas terminaram assassinadas pelos alemães nazistas). Ele se esforçou através da princesa e psicanalista Marie Bonaparte (1882-1962) em levá-las para a França, mas não conseguiu (segundo o historiador alemão Peter Gay, nascido Peter Fröhlich 1923-2015, *Freud. Uma vida para o nosso tempo*, Trad. Companhia das Letras, 1989, p. 576; e elaboração mais concreta e detalhada no livro da historiadora e psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco 1944-, *Sigmund Freud, na sua época e em nosso tempo*, trad. Zahar, especialmente o capítulo final); mas fazer dele o responsável por não terem se conseguido salvar do extermínio, é um delírio de atribuição de poder e/ou querer!

Quanto ao seu Judaísmo, querendo ou não seus leitores, comentadores ou biógrafos, Freud foi e continuará sendo judeu. Regozijem-se ou não os antissemitas, seus sonhos e os *Witze* ou *witzn* (de Freud) são e continuarão a ser judaicos. De quem ri de si próprio, bem diferente da dialética da ironia, que ri apenas dos outros. Se esquecendo que todo eu é também e simultaneamente outro. Mas a Psicanálise é um saber sem a especificidade dita judaica, mesmo tendo sido criada por um judeu.

Pensando o que Freud disse a um jornalista norte-americano, há que ir adiante com a Psicanálise: “A vida muda. A psicanálise também muda. Estamos apenas no começo de uma nova ciência” (Freud, entrevista ao jornalista norte-americano George Sylvester Viereck, 1884-1962, em 1926, “*O valor da vida*”, traduzida por Paulo César Souza, 1955-; na Internet), quero recomendar ao meu leitor o cotejamento e exame do conceito de *homo sacer* do filósofo e pensador italiano Giorgio Agamben (1942-; em livros publicados no Brasil pela editora da UFMG). Ele distingue entre a vida nua, *zoe* (dos corpos nus), e a vida política, *bios*. Desde sua soberania, os dirigentes humanos incluíram (mesmo

inconscientemente) elementos da *zoe* na direção do que interessa às políticas dominantes, para dominá-los ou excluí-los.

Nessa linha de pensar, inaugurada pelo importante filósofo e historiador francês Michel Foucault (1926-1984), vemos a captura de regimes de *zoe* e sua inclusão no que este chamou de Biopolítica.

Portanto, com o auxílio teórico e histórico dos dois autores citados, Agamben e Foucault, aprendemos como se protegem certas experiências de *zoe*, enquanto se eliminam outras (como no caso dos judeus durante o Holocausto, seres humanos que se podiam ou até mesmo se deviam isolar, torturar e excluir, matar fisicamente dentro do respeito e obediência aos costumes/ideologias e às leis alemãs; Agamben elabora o conceito válido de “estados de exceção” (*Ausnahmezustand*, ou, no caso *Ausnahmezustände*, desenvolvido por ele, de acordo com o maior jurista alemão da época, Carl Schmitt -1888-1985-, mas para quem é o líder, o soberano ou o guia, o *Führer* que decide sobre quem é ou faz parte da exceção); e de algum modo legalizados, como a chamada “solução final” alemã, o extermínio de todos os judeus, alemães e não alemães; e para os povos ou grupos -como os eslavos, negros e ciganos- considerados homens inferiores.

Haveria uma (des)valorização simbólica de categorias de vidas nuas que seriam passíveis de eliminação e que são diferenciadas e distinguidas das vidas que “merecem” ser vividas e, por definição, são positivamente politizadas.

Contudo, pensemos nas vidas cotidianas e políticas dos atuais negros norte-americanos, que ajudaram a eleger um presidente negro, mas cujas vidas são calculadas e avaliadas como menores e desimportantes pela população em geral das classes médias e pelas polícias, e que por qualquer gesto inesperado podem ser rapidamente eliminadas.

Contemporaneamente, vários filósofos apelam para a noção de inoperosidade, *désœuvrement*, *la comunità inoperosa*, que está,

como exemplo positivo, na análise do que sustenta e perfaz uma comunidade; e como exemplo negativo na detenção permanente á que se assujeitam (por exemplo) os ditos terroristas, que desaprenderão sua condição humana (historicamente criada pelos recalques, segundo Freud), reduzidos às necessidades meramente evidentes dos corpos nus. Auschwitz ensinou e continua ensinando, para os que precisam e sabem ouvir.

***Intervalo phi*** - O que significa, então, o ideal ascético num filósofo?

Minha resposta é - já se terá adivinhado há muito tempo: o filósofo sorri diante dele, como [diante] de um optimum das mais altas e refinadas condições de Espiritualidade - com isto ele não nega o '*Dasein*', nisto ele mais afirma seu *Dasein*, e isto, talvez, ao grau que não o afasta de seu desejo criminoso: morra o mundo, faça-se a filosofia, faça-se o filósofo, faça-me!!!...

Nietzsche, *Para a Genealogia da Moral*. 3ª dissertação, §§ 6 e 7.

Aprendemos que tal teorização foucaultiana se assemelha, por vezes, às teorias da filósofa e historiadora judia-alemã Hanna Arendt (1906-1975, *A Condição Humana*, por exemplo; trad. Forense), que distingue o que ela denomina de natureza humana, por exemplo, e os condicionantes humanos (labor, trabalho e ação, especialmente). Ou no seu livro sobre o julgamento do chefe nazista e tenente-coronel alemão nazista Adolf Eichmann (1906-1962), sequestrado da Argentina e levado para Israel para julgamento, em que Arendt postula que ele não era ou não seria (*ou não seria unicamente*) um agente (banal) do Mal, um humano dominado especialmente pelas suas pulsões de morte, mas um burocrata bem ativo, porém, um elo importante e obediente numa corrente que dominou politicamente e culturalmente a Alemanha durante mais de uma década, o Nazismo. Segundo Arendt, a banalidade de Eichmann consistia em que ele obedecia a ordens, mas não as pensava, não elaborava.

E Heidegger, o principal mestre dela e grande pensador, pensou o Nazismo, do qual foi o primeiro reitor universitário? Como, o



*que* e onde escreveu ou lecionou? Ou era, como muitos pensamos (eu, inclusive), também nazista?

E hoje, em 2017, o Nazismo, o nacional socialismo mesmo denominado de outros modos, experimenta reviver. Talvez ou certamente, tal concepção remonta à origem divina do Mal, que Hanna Arendt re fará numa correspondência (publicada) com o historiador e filólogo Gershom Scholem, Gerhard Scholem, 1897-1982- falando de um mal extremo (a categoria da "mal radical", pensada na Modernidade por Kant). O belo Lúcifer-Satã não sai de moda, pois ele constitui o humano, insistentemente.

Para uma discussão mais habitual das teses de Arendt e da psicanálise freudiana, em português, consultar Anchyses Jobim Lopes, "Arendt contra Freud: a banalidade do mal contra a radicalidade do mal" In *Estudos de Psicanálise*, nº 2 de 2014.

Depois da experiência, especialmente alemã, da criação específica e preparatória dos *Konzentrationslagers*, campos de concentração, cuja metáfora e *locus* principal ficou sendo, historicamente e culturalmente, o KZ de Auschwitz, lugar de "trabalho" inútil, não produtivo e de extermínio, especialmente de judeus alemães e depois também de judeus europeus, de ciganos e outros humanos.

De que valem como *Dasein* os "homens" submetidos a tais violências, brutalidades e amplo domínio que os transformaram em carne à disposição de seus carrascos sem regras, que dirá leis?

Observo que existem outras perspectivas sobre o pensamento de Arendt, que foi discípula e publicamente enamorada do seu principal professor, o pensador e filósofo Martin Heidegger (1889-1976).

Desde a publicação dos *Cadernos negros*, os diários de Heidegger, publicados por seu próprio editor reconhecido e oficializado, o professor alemão e filósofo Peter Trawny (1964-), sabemos que Heidegger considerava os judeus como "povo do cálculo" em direta oposição e dissonância ao Pensamento do Ser e dos seus legítimos porta vozes, ele próprio (Heidegger) e outros

verdadeiros alemães (nazistas, sem dúvida). E que por isto os judeus jamais saberiam ou conheceriam os verdadeiros caminhos do único e verdadeiro Pensamento, de que Heidegger se proclamava o primeiro e principal enunciador.

Por conseguinte os pensamentos “gerados” desde os judeus deveriam ser recusados por sua nocividade, bem como, para os nazistas mais ortodoxos e poderosos politicamente, tais pretensos pensadores degenerados (os judeus, claro) deveriam ser corporalmente suprimidos.

E agora é lançado, na França, mais um livro que aborda também os supostos resíduos nazistas no pensamento dela (no site da *Academia Brasileira de Filosofia*, em 11/09/2016, notícias sobre o livro de Emmanuel Faye, 1956-, filósofo e historiador francês; e conferência publicada na Internet em 04/2011, na *ABF*). Tese similar às teses que surgiram na Europa e nos Estados Unidos na época do aparecimento das reportagens de Arendt sobre Eichmann, que depois resultaram num livro (*Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do Mal*. Trad. Companhia das Letras, 1999), e que foram refutadas, de modo bem incisivo, por muitos e por ela própria também, claro (no *New Yorker*).

Cabe aos que me leem determinar ou considerar este “novo” e diferenciado estatuto do ser e pensar de Hanna Arendt. Devo dizer que *não* é minha posição nem é meu pensamento. Mas, como ensinou um grande pensador, Terêncio (185 a.C.-159 a.C.), “duvidar de tudo”, *de omnibus dubitandum* é preciso; pois deve-se considerar que Arendt sempre defendeu seu amor pelo mestre e seus falares.

Quanto às críticas de Heidegger à Psicanálise, especialmente nos chamados *Seminários de Zollikon* (publicados no Brasil pela Editora Vozes em 2001), de que ela seria um saber de representação, que, à moda de uma metafísica, e que ignora seus próprios fundamentos, a leitura desse meu pequeno texto e suas

indicações e fontes, leva a perlaborações e conclusões inteiramente distintas, conforme acredito ter mostrado e provado.

Também acredito que conheço, os psicanalistas conhecemos e muito bem, e elaboramos permanentemente nossos *Grunden*, os fundamentos da Psicanálise, que, à diferença dos misticismos teologizantes eternizantes ainda se fazem. Que não são fundamentados na e pela Ontologia heideggeriana tão importante durante o regime nazista e também depois; a Psicanálise sempre, psicanaliticamente, considerou os corpos, as pulsões de vida, a concretude dos eventos, conforme aponte, decisivamente.

Para Heidegger, nos seus escritos e falas, o chamado corpo judeu seria bem distinto do corpo ariano, desde o nascimento fisiológico [e o que é este "nascimento"? pois ele se faz sempre desde muitos outros e seus cuidados (um saber médico acadêmico ou academicamente transmitido, parteiras, sacerdotes, ginecologistas, adivinhos, enfermeiros, anestesistas, parentes, amigos e inimigos etc.) e sua herança não são simples e precisam ser permanentemente perlaborados, como indiquei]; para os alemães em geral e especialmente para Heidegger e o movimento nazista, só os corpos arianos nascidos fisiologicamente mereceriam o estatuto de *Volk*; o que é um delírio atroz, mas historicamente estendido até hoje entre o chamado *Volk* ariano, ao qual se deu e ainda se dá crédito na atualidade.

O que não impediu o filósofo ariano de procurar corpos de mulheres judias para se sentir amado ou gozoso: paradoxos ontológicos, gozos ônticos!

Nada estranho para o saber psicanalítico. Mas permanece minha dúvida-certeza: por que os filósofos e os historiadores filosóficos ditos especializados da Filosofia e da Psicanálise não escrevem nem ao menos pensam acerca e indicam que existe tal temática? Espero que alguns heideggerianos, em nome da pureza e purificação do pensamento de seu mestre e escriba maior não mandem me eliminar ou ao meu parco conhecimento, pois além de pensar e produzir diferentemente, sou e me sinto judeu.

Como escrevi acima, se sentir num corpo diferente e estranho é um assunto que os psicanalistas enfrentamos diariamente. Ultimamente é enorme a quantidade de meninos/as que se questionam acerca de ou a qual gênero sexual pertencem e como querem ser reconhecidos, saber sobre o nome pelo qual desejam ser chamados, pois não lhes é suficiente saber a que gênero "de nascença" pertencem para se sentirem confortáveis, *behaglich*.

Na sua autoapresentação ou autobiografia (*Selbstdarstellung*, *GW*, XIV, pp. 34/5), o próprio Freud afirmou que, desde sempre, se sentiu diferenciado dos legítimos alemães, nascidos "com" ou em corpos arianos "puros":

Nasci em Freiberg, na Morávia [atualmente Příbor, na República Tcheca ou Checa], uma pequena cidade da atual Checoslováquia. Meus pais eram judeus e também eu permaneci judeu... A Universidade, na qual ingressei em 1873, trouxe-me inicialmente algumas desilusões palpáveis. A principal foi a exigência de que eu me sentisse inferiorizado e não pertencente ao povo [*volkszugehörig*; *Volk* aí diz exclusivamente o povo ariano], porque eu era judeu. Rechacei essa ideia de saída. Não entendi porque deveria recusar minha origem ou, como se começava a dizer então, minha raça (*Rasse*), e me envergonhar dela. Renunciei à comunidade de povo [*Volksgemeinschaft*, comunidade do povo especificamente e unicamente alemão, ariano] que se me recusavam (os puros arianos), sem pesar...

Por ser "dotado" de um corpo "natural" não ariano, Freud atribuiu a esta crença a recusa por parte de seus colegas e professores (lembro que havia na Universidade de Viena um *numerus clausus*, regra pela qual os judeus não podiam superar a cota de 2,5% do total de professores) suas dificuldades de se tornar depois professor universitário. Contudo, essa limpeza (*Säuberung*), de raça, foi posteriormente parte da política geral alemã no Nazismo, que resultou em 1942 inaugurando e generalizando a prática política alemã da solução final para judeus, através de seu extermínio físico (*Endlösung der Judenfrage*).

Martin Heidegger, pensador fundamental, de fundamentos, primeiro reitor de Universidade alemã nomeado oficialmente pelo regime nazista, persistiu na sua teorização de exclusão dos judeus da Universidade e da vida social geral e jamais escreveu, nem na época e nem depois de 1945, ao fim da Segunda Guerra, sobre o extermínio judeu-alemão e europeu pelos seus conterrâneos alemães “puros”.

Ele, Heidegger, ainda fala e teoriza sobre “limpeza” (*Säuberung*) e purificação da teoria e da raça no seu livro de 1953, oito anos depois do fim da Segunda Grande Guerra; em sua *Introdução à Metafísica* (conferência inicialmente pronunciada em 1929 e publicada entre nós inicialmente em 1989), o povo para ele parece continuar sendo uma comunidade étnica, que precisa ser purificada, raça limpa. Seu "objeto" alvo são os pensamentos ditos científicos, mas há que purificar o que conspurca o verdadeiro e *único* saber, que seria O Pensamento não metafísico.

Os judeus ainda seriam sua principal sujeira. E as judias?

Tais afirmações são também costumeiras e mesmo tradicionais no chamado pensamento alemão de sempre. O grande místico, filósofo e teólogo alemão, que postulou uma primazia dos intelectuais para elaborar o Pensamento, Mestre Eckhart (Johannes Eckhart de Hochheim, 1260-1327), em cujo misticismo Heidegger também se inspirou, já naquela época afirmava um inatismo corporal: *es ist etwas in der Seele, das nicht schaffen ist und nicht erschaffen sein kann*, “há algo na alma que não se fundou (ou não se criou) e nem pode ser fundado (criado)”. Os escritos sagrados viriam diretamente de Deus, e não dos homens. Distinguindo entre “deus” e o “divino” (*Gottheit*), também para Eckhart só quem tivesse corpo ariano poderia ter acesso ao ou seria parte do tal intelecto divino, como os que hoje nos reconhecemos enquanto "intelectuais" (arianos, é claro) que adotam a Única Razão possível desde o Dasein.

A Filosofia e os filósofos, até mesmo os que nos/me importam, do mesmo modo como me interessam os escritos de Heidegger, não defendem ninguém da brutalidade e estupidez desmesuradas. A

bibliografia sobre Heidegger (e também Arendt) é vasta e diversa, mas recomendo especialmente o livro citado do pensador e seu (das obras deixadas por Heidegger) editor Trawny e o dossiê reproduzido no *Philosophie Magazine* de 2015 (sob a direção de Sven Ortoli, *Les philosophes face au Nazisme*). Para os discursos (ditos "apenas") políticos de Heidegger, ao menos, Bernd Martin, *Martin Heidegger und das 'Dritte Reich'. Ein Kompendium* (Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1989) e François Fédier, editor, *Écrits politiques 1933-1966 par Martin Heidegger* (Gallimard, 1995). Para o antissemitismo de Heidegger, ver o curto e incisivo escrito do filósofo e grande pensador cristão francês, Jean-Luc Nancy (1940-) no endereço abaixo

(<http://strassdelaphilosophie.blogspot.com.br/2014/06/heidegger-et-nous-jean-luc-nancy.html>). Uma importante leitura histórica e sociológica, documentada até os nossos dias está em *Heidegger e sua herança*, do historiador chileno Victor Farías, 1940- (trad. É Realizações Editora, 2017).

A frase de Eckhart, acima citada, está no escrito de Panizza e certamente inspirou este último: uma vez judeu, para sempre "condenado" a *serum* corpo judeu, e por isto mesmo um corpo degenerado. Alemães verdadeiros, só os pertencentes ao e nascidos com "sangue e solo" (*Blut und Boden*) arianos, mito bem antigo, mas permanentemente reproduzido e reatualizado, até hoje. Pode-se revê-lo, por exemplo, nos escritos de Lutero (1483-1546), fundador maior do Protestantismo e notório antissemita.

Peço ao leitor mais interessado e curioso que pesquise o texto de Oskar Panizza, psiquiatra e escritor anarquista alemão, 1859-1921, *O judeu operado* (*Der operierte Jud*, publicado em 1893), que aponta para a direção majoritária do pensamento imaginário alemão acerca dos judeus, alemães e não alemães e que influenciou a Germanidade (*Deutschtum*) da época de Freud.

Ou, também na Internet ([google.de](http://google.de)), de onde retirei a citação de Panizza sobre Eckhart, em seu livro publicado em 1895, *Der Illusionismus und die Rettung der Persönlichkeit. Skizze einer*

*Weltanschauung*, “O ilusionismo e o resgate [ou a salvação] da personalidade. Esboço de uma concepção de mundo”.

Ou, adiante, procurem no livro do notório ideólogo, grande antissemita e dirigente nazista Alfred Rosenberg (1893-1946, ministro então dos Territórios ocupados da Europa Oriental pelos alemães), *O mito do século XX*, a importância de Eckhart para sustentar sua tese dominante da *Rassenseele*, alma racial específica e original dos assim nascidos arianos que deviam necessariamente submeter e dominar outras raças, consideradas inferiores; para Rosenberg só os arianos verdadeiros, do norte europeu, nascidos dolococéfalos é que teriam honra (*Würde*) para pensar, verdadeiramente. E os arianos supremos, o povo finalmente escolhido, seria (ou seriam, claro), os povos alemães. O que se tornou um mote para todos os nazistas, do mesmo modo que para a enorme maioria dos alemães de então.

E haja alma ou almas diferenciadas, em nome das quais se mata e se extermina, se eliminam grupos e pessoas em nome da melhora racista e limpeza da suposta raça suprema. Freud viveu numa época em que se distinguiam radicalmente a *Germanidade* (*Deutschtum*) da Judiaria ou Judeidade (*Judentum*). Contudo, parece que aos negacionistas de hoje fica moralmente dificultado se desobrigar da existência do Holocausto e seu brutal extermínio. Então, eles o fazem refutando e odiando também a Psicanálise, como saber judaico. E Israel como um Estado indigno (mas tal discussão fica para outra vez, falei do direito de se fazer da *existência* de um Estado e não de suas políticas e ideologias).

Leitor e colega: complemente suas leituras e decida. Minha decisão está neste texto escrito e que lêem agora.

Num recente estudo do professor e filósofo israelense-inglês Yuval Noah Harari, 1976- (*Sapiens: uma breve história da Humanidade*), ele mostra que, conforme evidenciado pela Arqueologia contemporânea, provavelmente, o chamado *homo sapiens* eliminou, exterminou todos os outros grupos humanoides que existiam ou coexistiam com ele (conosco), afirmando-se como o único merecedor de viver e dominar.

Pensemos, pois, mesmo que a Shoá seja, e é, um evento único e singular de violência (de barbárie e estupidez) excepcional, se nossa violência humana não é bem mais antiga e fundamentada desde sempre na “infância” e experiência inapagáveis dos *sapiens*. Sonho e delírio da chamada Humanidade composta também pela dominação concreta sobre os outros humanoides e outros animais, e sobre nosso planeta, que se inscreveu permanentemente na constituição do seu/nosso inconsciente.

O assim chamado "mal radical" é profundamente humano, como postulou e demonstrou com outros meios Kant; dificilmente atribuível a figuras destacadas, já que se trata de configurações; mas que temos por *tarefa ética* evitar.

Pois bem, mesmo quando autores como Agamben e Foucault se marcam pela construção histórica dos humanos, história que é também pulsional, eles nos ensinam vias diferentes da multiplicidade do ser humano e parecem querer entender ou desentender Freud de outra maneira, chego ao fim desse escrito; porém devo afirmar que são outros e novos modos para compreender e articular fenômenos que a psicanálise freudiana perlaborou nos registros simbólicos e pulsionais, mas que nos possibilitaram pensar novos fenômenos subjetivos e históricos com outros instrumentos, instrumental também (parece-me) devedor, de algum modo, do próprio pensar psicanalítico.

Quanto à identidade judaica de Freud (o que seria “identidade”? a captura e expressão única e unitária de características múltiplas, sua imitação unitária, ou total apoderamento, outra grande captura conceitual e humana. Freud e os psicanalistas preferimos trabalhar com o conceito múltiplo de identificação, na medida mesmo em que sabemos que também a destruição, a disjunção constitui o que é humano, o que dá um primado às diferenças; em Freud, ver seus escritos sobre o que ele denomina de "narcisismo das pequenas diferenças". Seguindo regras prefixadas, idêntico é o Estado Islâmico, do nascimento até a morte...), temos as mais variadas posições possíveis.



Uma, por exemplo, do psicólogo e historiador David Bakan (1921-2004, *Sigmund Freud e a tradição mística judaica*, de 1958), afirma que a Psicanálise manifesta a influência do misticismo judeu na obra freudiana, por menos que Freud tivesse acesso às suas teses (que, aliás, no chamado misticismo judaico são múltiplas e díspares, variadas entre si). Outra posição, a ser considerada, do pensador e historiador norte-americano Sander Gilman (1944-), que pensa a identidade inconscientemente judaica de Freud (por exemplo, em *Freud, raça e sexos*; trad. Imago, 1994) e sua importância na construção da Psicanálise.

Ainda outro autor que nos faz refletir é o filósofo e historiador Yosef Hayim Yerushalmi (1932-2009), que afirma que Freud experimentou disfarçar seu Judaísmo, no seu livro sobre o Moisés de Freud (*Zakhor: Jewish History and Jewish Memory* de 1996). Yerushalmi, judeu de culto ortodoxo, nasceu em Nova Iorque, escreveu e lecionou em iídiche e inglês; para ele Freud era um judeu sem Deus e a Psicanálise um Judaísmo sem deus.

Para entender os judeus como escória a ser eliminada, remeto também à autobiografia de Hitler, *Mein Kampf*, e ao escrito de Rosenberg, antes citados.

Entre os autores brasileiros com perspectivas originais e importantes que merecem ser lidos e estudados, devo indicar o psicanalista e filósofo Renato Mezan (1950-; *Psicanálise, Judaísmo. Ressonâncias*. Editora Escuta, 1987), prolífico e criativo escritor e editor da mais importante revista psicanalítica brasileira, *Percurso*, que mostra como a naturalização da sexualidade e a ascensão oficiosa do antissemitismo alemão (o judeu seria “naturalmente” outro, diferente dos arianos; arianos seriam os únicos tributários do povo ário, arianos descendentes - míticos- diretos dos assim chamados povos brancos “originários” indo-europeus de onde a “raça branca” teria surgido) emergem simultaneamente. E a psicanalista e professora Betty Bernardo Fuks (1945; *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*, Jorge Zahar editor, 2000), que postula que a Psicanálise é a expressão

máxima da Judeidade, um exílio dos outros e de si própria, o que caracterizaria principalmente a judeidade do próprio Freud.

Mas, afinal, o que seria o Judaísmo?

Nessa nossa época onde se anuncia não só o prolongamento cronológico e espacial cada vez mais extenso da vida humana cronologicamente e culturalmente, a clonagem e os transplantes ou implantes subjetivos para corpos cibernéticos, deve-se pensar que o conceito, central para Freud, de castração, se refere ao que há de matável, de eliminável no interior de cada ser humano e de todos os sujeitos, mas também e simultaneamente nos faz pensar no que se pode criar em torno da escolha “dos mais evoluídos”, a seleção de óvulos e espermatozoides “mais aptos”; por exemplo, a feitura artificial de órgãos humanos e inumanos, o que obriga a Psicanálise a conhecer outros e novos fenômenos, fora de qualquer lei anteriormente estabelecida, temporariamente anômicos, sempre parciais, mas que obedecem a regras que podemos (e devemos, teoricamente e eticamente) tentar determinar. E elaborar. Uma outra intensão (com *s*, mesmo) deveria dominar a Psicanálise; ou, como disse o psicanalista franco-canadense René Major (1932-) nos encontros chamados de *Primeiros Estados Gerais da Psicanálise* (Paris, 2000), tomando como única medida uma “relação autêntica com o desejo, a palavra e a realidade”.

Pensar a criação de novos corpos, através de órgãos diferenciados e com duração mais extensa ou até mesmo não finita, distinta da chamada naturalidade animal, a hibridização do pensar através de corpos seminaturais, fisiológicos e simultaneamente cibernéticos, as conexões incríveis entre corpos fisiológicos e sistemas computacionais, nos impõem outras e novas vias para pulsões e simbólicos. O que nos faz ser críticos e indagadores às teorias de instâncias fixadas e determinadas.

Há que reelaborar outras categorias que considerem unicamente puros dualismos excludentes, como matéria e espírito, fisiológico e inorgânico, interior e exterior, dentro e fora, real e virtual, humano e inumano etc. E obrigam a pensar ou repensar a

contingência (cf. a obra de Agamben e a conhecem também os leitores e estudiosos de Lucrécio Caro) e não apenas pares de oposições.

Novos limites para vida e morte, significado expandido do que constitui e determina um corpo próprio. E mesmo a reelaboração do que é um corpo simbólico e questionamento do sistema inconsciente. Assim como os psicanalistas já temos que repensar (e o fazemos) o que é atualmente o chamado complexo de Édipo, diante da elaboração de outros e múltiplos sistemas de família que já não têm um casal masculino-feminino originário e único como fulcro e guia.

Como aprendemos com Freud, há que pensar e perlaborar os eventos, sempre, ao menos para alguns, enquanto recalques secundários. E há que cotejá-los com o saber psicanalítico, no modo psicanalítico (o que me importa e me constitui, CSK).

Aqui se encontram e muitas vezes convergem, Psicanálise e Filosofia.

**Chaim Samuel Katz**, psicanalista da *Formação Freudiana-RJ* e escritor; doutor pela UFRJ; membro titular da Academia Brasileira de Filosofia

---

[1] *Uma primeira e mais curta versão deste escrito foi publicada no volume I de Filósofos judeus, organizado por Edgar Leite (editora Jaguatirica, Rio de Janeiro, 2017).*